



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ADRIELLE FERREIRA DE FRANÇA

**GUERRA E PROPAGANDA: AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DE
VOLODYMYR ZELENSKY NO CONFLITO RUSSO-UCRANIANO**

JOÃO PESSOA
2026

ADRIELLE FERREIRA DE FRANÇA

**GUERRA E PROPAGANDA: AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DE
VOLODYMYR ZELENSKY NO CONFLITO RUSSO-UCRANIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Relações Internacionais do Centro
de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como
requisito parcial para obtenção do grau de
bacharel (a) em Relações Internacionais

Orientador: Dr. Ielbo Marcus Lobo de Souza

JOÃO PESSOA

2026

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F814g Franca, Adrielle Ferreira de.
Guerra e propaganda: as estratégias de comunicação
de Volodymyr Zelensky no conflito russo-ucraniano /
Adrielle Ferreira de Franca. - João Pessoa, 2026.
58 f. : il.

Orientação: Ielbo Marcus Lobo de Souza.
TCC (Graduação) - UFPB/ccsa.

1. Diplomacia digital. 2. Construtivismo. 3.
Volodymyr Zelensky. 4. Ucrânia. 5. Redes sociais. 6.
Segurança internacional. I. Souza, Ielbo Marcus Lobo
de. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 327(043)

ADRIELLE FERREIRA DE FRANÇA

"GUERRA E PROPAGANDA: AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DE VOLODYMYR ZELENSKY NO CONFLITO RUSSO-UCRANIANO"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Relações Internacionais do Centro de
Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como
requisito parcial para obtenção do grau de
bacharel(a) em Relações Internacionais.

Aprovado(a) em 23 de julho de 2026



Documento assinado digitalmente
IELBO MARCUS LOBO DE SOUZA
Data: 24/07/2026 14:09:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ielbo Marcus Lobo de Souza - (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba



Documento assinado digitalmente
MARCOS ALAN SHAIKHZADEH VAHDAT FERREIR
Data: 24/07/2026 14:33:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira - (Membro 2)
Universidade Federal da Paraíba



Documento assinado digitalmente
TULIO SERGIO HENRIQUES FERREIRA
Data: 24/07/2026 23:08:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Túlio Sérgio Henriques Ferreira - (Membro 3)
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a minha avó, Francisca Helena da Conceição, que infelizmente não poderá lê-lo, pois embora tivesse tamanha vontade, nunca conseguiu realizar seu sonho de ser alfabetizada. Desde criança aprendeu que mulher tinha que cuidar da casa, das roupas, e pela situação em que estava inserida, começou a trabalhar tão pequena que nem se lembra com que idade. Seus responsáveis nunca permitiram que ela pudesse estudar, e quando ela mencionava sobre, era fortemente repreendida. Por ser preta e pobre, cresceu sofrendo duas vezes. Embora sua realidade tenha sido a descrita, ela sem sombra de dúvidas foi uma das minhas maiores incentivadoras para que eu chegasse até aqui, desde a educação básica, pegava no meu pé para que eu estudasse, não faltasse um dia de aula, perguntava sobre minhas notas, e reafirmava que o estudo seria o caminho que iria me fazer alcançar os meus sonhos. Dona Francisca pode não ter diploma, nem graduação, mas com certeza a sabedoria que ela me passou desde a infância foi crucial para que eu pudesse chegar até aqui.

Com a importância de quem me deu a luz e me carregou até aqui, não poderia deixar de agradecer a minha mãe, pois sem ela não sei se estaria aqui. Eu realmente fui agraciada por Deus em ter dona Erica como minha guia, ela me ensinou o verdadeiro valor de lutar pelos meus objetivos e não abaixar a cabeça diante das dificuldades, até porque são elas que moldam nossa capacidade de evoluir. Minha mãe precisou abdicar de sua vida por vários longos para cuidar dos seus três filhos, e embora tenha feito isso com excelência, nunca deixou que o sonho de se graduar, fosse apagado do seu coração, e aos 44 anos o realizou, mesmo quando alguns a falavam que era tarde, que ela devia se contentar onde tinha chegado, ela não desistiu! E ver minha mãe se formar depois de tudo que ela passou na vida, depois de abdicar tanto de si, por mim, me formar não é apenas um compromisso comigo, mas sim honrar todo o esforço feito por ela ao longo da minha vida. A quem também me deu vida, meu pai, externo toda a minha gratidão, por tantos anos de trabalho, de suor derramado, para que eu pudesse ter uma vida confortável e assim ser privilegiada em apenas me preocupar com o estudo, meu pai que sempre me incentivou em cada ideia, vontade, objetivo, e sonho que eu colocasse na cabeça. Meu pai que não concluiu nem o ensino fundamental, sempre fez questão de investir e se preocupar com a minha educação, mostrando que embora ele não tenha seguido esse caminho, ele sabe que é o mais frutuoso na vida de alguém cujo tudo que tem nas mãos é o

conhecimento, algo que ninguém pode nos tirar.

Linus, meu companheiro fiel, que estive ao meu lado desde o início da graduação, e me reclamava, incentivava, pegava no meu pé para que não faltasse as aulas, sempre estando comigo nos momentos que achei que não seria capaz, que queria desistir. Quando estive no meu momento mais vulnerável – ao engravidar durante a graduação – você fez o seu papel de companheiro e de pai com maestria, cuidando de Ana Liz tão bem para que eu pudesse ir às aulas, e ajudando com trabalhos, atividades, eu realmente não tenho palavras para te agradecer por ter segurado minha mão desde o início e ter continuado até aqui, com presença constante e a parceria que toda mulher merece ter!

Gostaria também de agradecer a minha amiga Sanderlania, que embora há 300 quilômetros de distância, me provou o verdadeiro sentido da amizade, quando me mudei para cursar a graduação, um pedaço do meu coração ficou contigo, pois não sabia o que iria fazer sem você por perto, sofri muito no início sem você, mas durante esses anos, perceber que nada mudou na nossa relação, foi uma reafirmação daquilo que eu já sabia: você é a minha pessoa, obrigada por todo incentivo, pelas conversas, por ouvir meus desabafos e por ter segurado a minha mão mesmo que através de uma chamada.

Quando engravidei, eu me vi perdida, sozinha, há mais de 300 quilômetros de distância dos meus amigos, da família, e foi nesse momento que a UFPB me deu as melhores amigas que eu poderia ter em João Pessoa, as meninas que foram meus braços e minhas pernas nessa fase, que foram o verdadeiro consolo de Deus na terra para comigo - Alicia, Helena, Jessica – eu realmente não sei o que seria de mim, e se eu teria conseguido chegar até aqui sem vocês, eu e Ana Liz demos muita sorte de ter encontrado vocês e de as ter em nossas vidas, nada que eu escreva aqui será suficiente para demonstrar a gratidão que eu sinto por vocês.

E aos familiares, amigos, meus amados padrinhos, que não mencionei anteriormente, saibam que todos vocês estão em meu coração, minha gratidão sem dúvida nenhuma é tamanha, agradeço muito a Deus por ter crescido rodeada de tantas pessoas amáveis e que seguraram a minha mão em cada caminho que trilhei.

Por fim, ao meu orientador, Ielbo Lobo, todo o corpo docente da UFPB, todos os professores que me formaram e me ajudaram a chegar até aqui desde o ensino básico, meu mais sincero obrigada, reconheço que se hoje estou aqui, foi graças a todos vocês.

RESUMO

O presente trabalho analisa as práticas discursivas e as estratégias de comunicação pública digital adotadas pelo presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, nas plataformas Instagram e X no contexto do conflito armado com a Rússia. Fundamentado na vertente construtivista das Relações Internacionais, especificamente a partir das formulações teóricas de Alexander Wendt sobre a co-constituição entre identidades e interesses, a pesquisa investiga de que maneira o ecossistema digital atua como uma estrutura ideacional ativa capaz de influenciar a gramática do poder global. Por meio de uma análise empírica descritiva de publicações institucionais, o estudo examina a formulação do Eu nacional ucraniano associado a valores democráticos e a caracterização do Outro agressor como uma ameaça unilateral e refratária ao diálogo multilateral. Ademais, avalia-se o conceito de *altercasting digital* como um mecanismo de constrangimento normativo que transfere o debate dos gabinetes fechados para o tribunal da opinião pública transnacional. Os resultados demonstram que a desmediação das redes e o uso de recursos como publicações compartilhadas e legendas multilíngues operam como multiplicadores de *soft power* e influência internacional. Conclui-se que a comunicação digital ucraniana converte as sociedades civis das potências ocidentais em agentes fiscalizadores de suas próprias chancelarias tradicionais, constrangendo governos parceiros a manterem o suporte logístico, financeiro e bélico sob pena de incorrerem em severos custos políticos domésticos, o que consolida a manipulação de fluxos informacionais como um recurso de força sistêmico indispensável para a preservação da soberania estatal na era da informação.

Palavras-chave: Diplomacia Digital; Construtivismo; Volodymyr Zelensky; Ucrânia; Redes Sociais; Segurança Internacional.

ABSTRACT

This paper analyzes the discursive practices and digital public communication strategies adopted by the President of Ukraine, Volodymyr Zelensky, on the platforms Instagram and X within the context of the armed conflict with Russia. Grounded in the constructivist approach to International Relations, specifically drawing from Alexander Wendt's theoretical formulations on the co-constitution between identities and interests, this research investigates how the digital ecosystem operates as an active ideational structure capable of influencing the grammar of global power. Through a descriptive empirical analysis of institutional posts, the study examines the formulation of the Ukrainian national Self associated with democratic values, as well as the characterization of the invading Other as a unilateral threat that is resistant to multilateral dialogue. Furthermore, it evaluates the concept of digital altercasting as a mechanism of normative constraint that shifts the debate from closed offices to the tribunal of transnational public opinion. The results demonstrate that the disintermediation of social networks and the use of features such as collaborative publications and multilingual captions operate as multipliers of soft power and international influence. It concludes that Ukrainian digital communication converts the civil societies of Western powers into watchdog agents of their own traditional chancelleries, constraining partner governments to maintain logistical, financial, and military support under penalty of incurring severe domestic political costs, which consolidates the manipulation of informational flows as an indispensable systemic power resource for the preservation of state sovereignty in the information age.

Keywords: Digital Diplomacy; Constructivism; Volodymyr Zelensky; Ukraine; Social Media; International Security.

Sumário

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	7
ABSTRACT	8
1. INTRODUÇÃO	11
2. METODOLOGIA	13
2.1. DECLARAÇÃO DO USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL	16
3. REFERENCIAL TEÓRICO	16
3.1. CONSTRUTIVISMO NAS RI	17
3.2. PODER COMUNICACIONAL E SOCIEDADE EM REDE	18
3.3. SOFT POWER, IMAGEM PÚBLICA E INFLUÊNCIA INTERNACIONAL	18
3.4. PROPAGANDA POLÍTICA: CONCEITOS E USOS EM TEMPOS DE GUERRA.....	19
4. A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA POLÍTICA EXTERNA UCRANIANA: ENTRE O VETOR OCIDENTAL E O LEGADO SOVIÉTICO	22
4.1. O DILEMA MULTIVETORIAL E A BUSCA POR RECONHECIMENTO (1991-2004)	23
4.2. AS RUPTURAS POPULARES E OS VETORES DE INTEGRAÇÃO EM DISPUTA (2004-2014)	23
4.3. A POLÍTICA EXTERNA PÓS-2014 E AS BASES PARA A COMUNICAÇÃO DE CRISE CONVERGENTE	24
5. A RECONFIGURAÇÃO DA COMUNICAÇÃO POLÍTICA NA ERA DIGITAL E A DIPLOMACIA DE CRISE	26
5.1. ECOSISTEMA DIGITAL E A RECONFIGURAÇÃO ESTRUTURAL DA COMUNICAÇÃO POLÍTICA.....	26
5.2. DIPLOMACIA DIGITAL: TEORIA E PRÁTICA PERANTE CONFLITOS INTERNACIONAIS	27
5.3. LIDERANÇA DIGITAL E PERFORMANCE COMUNICATIVA:	

ZELENSKY COMO ESTUDO DE CASO.....	28
6. AS PRÁTICAS DISCURSIVAS DE ZELENSKY NAS REDES SOCIAIS: O EU E O OUTRO NO CONFLITO	29
6.1. A FORMULAÇÃO DO "EU" UCRANIANO NAS REDES SOCIAIS	29
6.2. A CARACTERIZAÇÃO DO "OUTRO": A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA AMEAÇA.....	35
6.3. A DIALÉTICA DOS DISCURSOS NAS REDES SOCIAIS: SÍNTESE E POLARIZAÇÃO NARRATIVA	38
7. ECOSSISTEMA DIGITAL COMO VETOR DE <i>ALTERCASTING</i> E A MOBILIZAÇÃO DO OCIDENTE	41
7.1. O <i>ALTERCASTING DIGITAL</i> : ENQUADRANDO O PAPEL DO OCIDENTE NO CONFLITO.....	41
7.2. A DESMEDIÇÃO DIPLOMÁTICA E O EFEITO DE CAIXA DE RESSONÂNCIA NA SOCIEDADE EM REDE	47
7.3. SOFT POWER E ATRAÇÃO: A COOPTAÇÃO DE AUDIÊNCIAS GLOBAIS.....	50
7.4. A DESMEDIÇÃO DAS REDES E A MOBILIZAÇÃO DAS ALIANÇAS OCIDENTAIS	52
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
9. REFERÊNCIAS.....	57

1. INTRODUÇÃO

A emergência e a consolidação da sociedade em rede no século XXI reconfiguraram as estruturas tradicionais de poder, os fluxos informacionais e as dinâmicas de interlocução no cenário político internacional. A diplomacia clássica, historicamente caracterizada pelo formalismo burocrático, pelo sigilo institucional e pela mediação estrita dos veículos de imprensa de massa, passou a coexistir com processos de desmediação promovidos pelas plataformas digitais de comunicação. No contexto contemporâneo de crises de segurança internacional, o ecossistema virtual transcendeu a condição de mero canal acessório de difusão informativa para converter-se em um teatro de operações estratégico. Nesse ambiente, as narrativas são disputadas de maneira síncrona com o objetivo de legitimar ações estatais, gerenciar símbolos e angariar suporte político e material externo. O conflito geopolítico iniciado na Europa Oriental em 2022 constitui o marco empírico definitivo dessa transformação, evidenciando como a assimetria de capacidades bélicas e materiais pode ser balanceada por meio da projeção de narrativas estratégicas e do uso político das redes sociais digitais por lideranças estatais.

Diante desse panorama de transformação estrutural, esta pesquisa delimita-se na análise das práticas discursivas e das estratégias de comunicação pública digital adotadas pelo presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, em suas contas oficiais nas plataformas Instagram e X. A investigação concentra-se no recorte temporal que compreende o desenrolar do conflito contemporâneo, focando especificamente nas publicações de caráter político e diplomático que visam a interlocução com atores internacionais. O escopo do trabalho prioriza os mecanismos de construção de imagem e de enquadramento interpretativo operados pelo mandatário ucraniano, examinando como recursos visuais, textos multilíngues e ferramentas de publicação compartilhada são mobilizados para gerenciar a percepção pública global e interagir diretamente com chefes de Estado, governos estrangeiros e sociedades civis de potências ocidentais sem a necessidade de intermediários institucionais tradicionais.

A necessidade premente de garantir a viabilidade logística e financeira do Estado ucraniano perante forças materialmente superiores evoca um problema central que orienta a presente investigação, o qual consiste em compreender de que maneira as práticas discursivas de Volodymyr Zelensky nas redes sociais Instagram e X buscam moldar a

percepção da comunidade internacional sobre as identidades dos atores em conflito e constranger as potências ocidentais a mantê-lo o apoio material e moral ao país. A hipótese que responde a essa indagação assevera que o mandatário ucraniano utiliza de forma sistemática as redes sociais para operar mecanismos de enquadramento interpretativo binário e *altercasting digital*¹, vinculando de maneira indissociável a sobrevivência do Estado agredido à própria manutenção do estatuto identitário do Ocidente enquanto defensor da ordem liberal e das normas multilaterais. Sob essa ótica, assume-se que a comunicação digital ucraniana não atua apenas como propaganda informativa, mas como uma ferramenta de constrangimento normativo que transfere as negociações dos gabinetes fechados para o tribunal da opinião pública internacional, transformando o apoio material à Ucrânia em um imperativo ético e um teste de responsabilidade política para os líderes ocidentais.

Para validar a hipótese formulada, o objetivo geral deste estudo consiste em analisar o papel das mídias sociais na formulação e projeção de narrativas estratégicas internacionais, identificando os mecanismos discursivos e visuais utilizados por Volodymyr Zelensky para influenciar a estrutura de expectativas do sistema internacional durante o conflito contemporâneo. No plano dos objetivos específicos, a pesquisa propõe-se a investigar os processos de formulação da identidade nacional do Eu ucraniano associada aos valores civilizatórios democráticos, a identificar as estratégias de caracterização do Outro como uma ameaça sistêmica e unilateral por meio da deslegitimação das ações e lideranças da Federação Russa, e a avaliar o funcionamento da dialética de polarização discursiva e do *altercasting digital* como instrumentos voltados a constranger a neutralidade de atores terceiros e induzir o engajamento material de potências ocidentais.

Do ponto de vista metodológico, a presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza descritivo-analítica, amparada nos preceitos da Análise de Conteúdo clássica. O corpus documental é constituído por postagens institucionais selecionadas de forma estratégica nas redes sociais Instagram e X, as quais servem de

¹ O conceito de *altercasting digital* designa a estratégia por meio da qual um ator estatal atribui aos demais atores do sistema internacional papéis identitários projetados nas plataformas digitais, constrangendo-os a agir em conformidade com esses papéis sob pena de custo de reputação perante suas audiências domésticas. Trata-se de uma adaptação do mecanismo de *altercasting* descrito por Wendt (1999) ao ambiente da comunicação de massa de Castells (2009), examinado de forma mais detida no Capítulo 7.

base empírica para investigar os mecanismos de altercasting digital e a projeção de soft power do Estado ucraniano. Os procedimentos operacionais detalhados, os critérios de amostragem, o recorte temporal e as etapas de categorização analítica encontram-se pormenorizados em capítulo metodológico próprio, garantindo a transparência e a replicabilidade científica do desenho desta investigação.

Diante disso, o trabalho estruturou-se em seções logicamente encadeadas para responder ao problema de pesquisa. Após esta introdução, o segundo capítulo dedica-se exclusivamente à fundamentação metodológica do estudo, seguido do terceiro capítulo, que apresenta o referencial teórico da pesquisa, percorrendo o Construtivismo nas Relações Internacionais, o poder comunicacional em rede, o soft power e a teoria do enquadramento. O quarto capítulo contextualiza a evolução histórica da política externa ucraniana desde 1991, fornecendo a base histórica necessária para compreender a posterior digitalização de sua diplomacia de crise. O quinto capítulo examina a reconfiguração da comunicação política na era digital e as práticas da diplomacia de crise, ao passo que o sexto capítulo desenvolve a análise empírica das práticas discursivas de Zelensky nas redes sociais. O sétimo capítulo avança para o exame do altercasting digital e a mobilização das alianças ocidentais, precedendo as considerações finais e as referências bibliográficas.

2. METODOLOGIA

O desenho metodológico que orienta esta investigação assume um papel central na validação das hipóteses levantadas, estabelecendo uma ponte analítica rigorosa entre as premissas teóricas do Construtivismo e a evidência empírica fornecida pela diplomacia digital ucraniana. Alinhando-se à tradição das pesquisas de cunho qualitativo e aplicado no campo das Relações Internacionais, este estudo centra-se na decodificação e na interpretação das estruturas de significado, dos discursos de legitimação e das dinâmicas de poder ideacional que reconfiguram a gramática política global no ecossistema das redes sociais. Quanto aos seus objetivos primários, a pesquisa classifica-se como descritivo-analítica, uma vez que se propõe a esmiuçar os mecanismos de constrangimento normativo e desmediação institucional operados pelo Estado ucraniano face à agressão militar russa.

O conjunto de dados textuais e imagéticos que serve de base para a análise foi constituído por meio de uma amostragem não probabilística intencional, selecionando-se

de forma estratégica as publicações veiculadas pelo Presidente Volodymyr Zelensky nas plataformas digitais Instagram e X. A delimitação desse universo amostral justifica-se pela centralidade indiscutível de ambos os canais na execução da diplomacia pública contemporânea e pelo expressivo alcance transnacional de suas mensagens junto às opiniões públicas ocidentais. O recorte temporal adotado compreende o período crítico do conflito armado iniciado em 2022, permitindo mapear de forma longitudinal a evolução das narrativas de resistência e a consolidação dos processos de altercasting digital. A coleta de dados operou-se mediante o monitoramento sistemático e o registro por capturas de tela das postagens oficiais, priorizando-se aquelas que apresentavam recursos visuais de alto impacto, marcadores de publicação colaborativa síncrona com chefes de Estado parceiros e construções linguísticas de apelo moral universalizante.

O corpus final constituído para esta investigação compreende 12 publicações institucionais coletadas entre fevereiro de 2022 e 2026, distribuídas entre as plataformas Instagram e X. O Quadro 1 apresenta a sistematização dessas publicações, organizadas por data, plataforma, formato predominante, idioma da legenda e categoria analítica atribuída na etapa de pré-análise. Cabe destacar que, em consonância com os critérios de seleção adotados, todas as publicações listadas apresentam ao menos um dos seguintes marcadores: apelo moral de alcance transnacional, recurso de publicação colaborativa com líderes estrangeiros ou construção discursiva binária entre o Eu nacional e o Outro agressor. Reconhece-se que a seleção intencional implica limitações de representatividade, uma vez que as publicações foram escolhidas por sua pertinência analítica e não por critério probabilístico. Os resultados, portanto, não pretendem esgotar a totalidade das práticas comunicativas do mandatário, mas sim evidenciar padrões discursivos recorrentes e analiticamente relevantes para a validação das hipóteses formuladas.

Nº	Plataforma	Data	Formato	Idioma da legenda	Categoria analítica
01	Instagram	25 fev. 2022	Vídeo (republicação NYT)	Inglês	Formulação do Eu — resistência e permanência soberana (Figura 1)
02	X	24 fev. 2022	Texto	Inglês	Dialética — polarização inaugural Eu/Outro (Figura 6)
03	X	18 out. 2022	Vídeo + texto	Inglês	Caracterização do Outro — terrorismo e infraestrutura civil (Figura 5)

04	X	11 jul. 2023	Texto	Inglês	Altercasting — constrangimento normativo da NATO em Vilnius (Figura 10)
05	X	10 nov. 2023	Texto	Inglês	Desmediação — inversão discursiva da lógica da escalação (Figura 12)
06	Instagram	04 jun. 2026	Imagem + texto	Inglês/Ucraniano	Formulação do Eu — transparência e diálogo multilateral (Figura 2)
07	X	2024	Texto	Inglês	Caracterização do Outro — deslegitimação de Putin (Figura 4)
08	X	18 ago. 2025	Texto + vídeo	Inglês	Dialética — apelo por pressão internacional coordenada (Figura 7)
09	Instagram	07 jun. 2026	Imagem colaborativa	Multilíngue	Altercasting — alinhamento com líderes europeus em Downing Street (Figura 8)
10	X	20 nov. 2025	Vídeo + texto	Inglês	Altercasting — alinhamento estratégico com parceiros ocidentais (Figura 9)
11	Instagram	07 jun. 2026	Imagem colaborativa	Multilíngue	Altercasting — cooperação bilateral com Starmer (Figura 11)
12	X	08 mar. 2026	Texto	Inglês	Formulação do Eu — Ucrânia como provedora de segurança (Figura 3)

Fonte: elaboração própria a partir de dados coletados nos perfis oficiais @zelenskiy_official (Instagram) e @ZelenskyyUa (X), entre 2022 e 2026.

Para a decomposição e o tratamento analítico do material empírico reunido, adota-se o procedimento metodológico da Análise de Conteúdo, estruturado a partir dos critérios científicos consolidados por Laurence Bardin. Esse processo investigativo desdobrou-se em três fases operacionais interdependentes e rigorosamente encadeadas. A primeira etapa compreendeu a pré-análise, mediante a realização de uma leitura flutuante do material coletado para estabelecer o primeiro contato com as recorrências discursivas e

assegurar a homogeneidade e a pertinência das peças selecionadas. A segunda fase constituiu-se na exploração do material, momento em que se realizou a codificação e a categorização dos dados em unidades de registro temáticas orientadas pelas variáveis da pesquisa. Essas unidades foram divididas em duas macrocategorias analíticas distintas: o enquadramento da identidade nacional ucraniana como bastião de valores democráticos ocidentais (a formulação do Eu) e a representação da ação estatal russa como uma violação anacrônica do direito internacional (a caracterização do Outro).

A terceira e última etapa consistiu no tratamento dos resultados, na realização de inferências e na interpretação teórica dos achados. Nesse estágio, os dados empíricos categorizados foram tensionados face ao arcabouço conceitual do trabalho. A análise das postagens colaborativas, a exemplo do registro que compõe o núcleo empírico deste estudo, transcendeu a mera descrição visual ao ser interpretada à luz da co-constituição identitária de Alexander Wendt e do poder comunicacional de Manuel Castells. Investigou-se de que forma a imposição de uma moldura estética de cumplicidade ética atua como um recurso de força sistêmico nas redes sociais, coagindo governantes estrangeiros a internalizarem papéis políticos de suporte material e moral. Dessa maneira, o instrumental metodológico empregado assegura não apenas a transparência e a replicabilidade do desenho desta pesquisa, mas garante a sustentação científica necessária para validar as conclusões propostas ao final deste estudo.

2.1. DECLARAÇÃO DO USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Este trabalho contou com o auxílio de ferramentas de Inteligência Artificial (IA) como apoio à pesquisa bibliográfica e à revisão textual. O Claude (Anthropic, PBC) foi empregado após a redação do texto, exclusivamente para identificar erros gramaticais e sugerir melhorias na coesão e na fluidez da escrita. Todas as decisões analíticas, a seleção das fontes, a interpretação dos dados e a redação do conteúdo foram realizadas por mim, cabendo às ferramentas de IA apenas uma função de apoio.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa fundamenta-se na premissa de que a realidade internacional é socialmente construída, sendo os fluxos informacionais e as narrativas digitais elementos relevantes na configuração da política contemporânea. Para tanto, este capítulo percorre a vertente construtivista das Relações Internacionais, as teorias do poder comunicacional em rede e as reconfigurações da propaganda política na era digital.

3.1. CONSTRUTIVISMO NAS RI

A inserção do Construtivismo no debate das Relações Internacionais permite deslocar o foco das capacidades materiais para a dimensão subjetiva e performática dos atores estatais e não estatais. Para Alexander Wendt (1999), a estrutura do sistema internacional é um conjunto de relações sociais que só ganham sentido por meio da interpretação e do compartilhamento de ideias entre os sujeitos. Sob essa ótica, a estrutura sistêmica não deve ser compreendida como um dado objetivo, estático ou geográfico imutável, mas sim como uma construção fluida que depende diretamente do processo de interação contínua entre os Estados. É a partir dessa premissa que Wendt (1992) cunha a máxima de que a anarquia é o que os Estados fazem dela, significando que a ausência de um governo central global não impõe um padrão fixo de comportamento focado na sobrevivência, pois a natureza dessa anarquia é moldada pelas práticas e interações discursivas vigentes.

Diferente das visões racionalistas que tratam o Estado como um ator unitário dotado de preferências preestabelecidas, a lente construtivista valoriza a agência e introduz um debate essencial sobre a distinção entre identidade e interesse. Na perspectiva teórica de Wendt (1999), as identidades e os interesses são construídos socialmente, rejeitando-se a ideia de que os Estados possuem interesses intrínsecos ou exógenos ao sistema. O autor argumenta que as identidades constituem a base dos interesses, de modo que um ator precisa saber quem ele é antes de determinar o que ele quer. A identidade, definida como uma propriedade intersubjetiva que surge da relação com o outro, gera matrizes de significados que, conseqüentemente, definem os interesses e as linhas de ação política externa de um Estado.

No caso de Volodymyr Zelensky, sua atuação revela uma liderança que se distancia do rigor diplomático tradicional para adotar uma postura personalizada e de forte apelo comunicativo, fundamentada em sua trajetória no entretenimento. Essa característica subjetiva é central para a análise sob o prisma construtivista sistêmico, pois a dramaticidade da sua expressão pessoal atua diretamente na reconfiguração da identidade da Ucrânia perante a comunidade internacional. Ao projetar uma identidade estatal associada à resiliência e à defesa de valores democráticos universais, Zelensky almeja reconstruir os próprios interesses dos atores do sistema internacional. O entendimento compartilhado gerado por essa performance se destina a alterar a percepção coletiva, no pressuposto de que a forma como um governante encena sua liderança é capaz de redefinir as identidades e os interesses sistêmicos, transformando a linguagem e a imagem em componentes estruturantes do poder nacional.

3.2. PODER COMUNICACIONAL E SOCIEDADE EM REDE

A compreensão da atuação de lideranças políticas no ambiente digital exige a análise das estruturas de poder que definem a sociedade contemporânea. Segundo a perspectiva teórica de Manuel Castells (2009), a configuração social global assenta-se em uma dinâmica de redes, onde o poder deixa de residir exclusivamente nas instituições tradicionais ou no monopólio da força. O autor conceitua o poder comunicacional como a capacidade de moldar a mente humana por meio do processamento de sinais e da construção de significados em redes de comunicação, definindo este mecanismo como a forma fundamental de poder na era contemporânea.

O exercício do poder estatal transita das formas clássicas de coerção para os processos de persuasão narrativa. Castells (2013) argumenta que as redes de comunicação tornaram-se o espaço primordial onde as relações de poder são decididas na sociedade moderna. Esta estrutura permite que atores políticos individuais utilizem o mecanismo da autocomunicação de massa para alcançar audiências globais sem os filtros tradicionais da mídia corporativa ou da diplomacia institucional. Esse conceito é vital para compreender a agência de Volodymyr Zelensky, pois explica teoricamente como uma forma de expressão subjetiva e performática consegue penetrar nos fluxos globais e ativar redes de indignação e esperança, mobilizando o suporte da opinião pública internacional.

Assim, a teoria do poder em rede sustenta que a legitimidade política na contemporaneidade é dependente da capacidade de um líder em se tornar uma ponte central de influência dentro do ecossistema digital. Como aponta Castells (2009), quem detém a capacidade de programar as redes de comunicação acaba por influenciar a própria construção da realidade política. Portanto, a análise da comunicação de Zelensky sob esta base teórica revela que seu estilo de liderança e propaganda reflete a operação do poder comunicacional, onde a encenação e a subjetividade do líder funcionam como os instrumentos que ativam os protocolos de conexão e o consequente reconhecimento no sistema internacional.

3.3. SOFT POWER, IMAGEM PÚBLICA E INFLUÊNCIA INTERNACIONAL

A projeção de influência no cenário internacional contemporâneo não decorre exclusivamente da aplicação de capacidades coercitivas ou de incentivos econômicos, Conforme a definição teórica de Joseph Nye (2004), o poder de um Estado também se manifesta por meio do *soft power*, definido pelo autor como a habilidade de obter os resultados desejados em política externa por meio da atração e persuasão, em vez da

coação ou do pagamento. Nye (2004) argumenta que o *soft power* de uma nação repousa primordialmente em três recursos fundamentais: sua cultura, seus valores políticos e sua política externa, desde que esta última seja percebida como legítima e dotada de autoridade moral perante a comunidade internacional.

Dessa forma, a construção e a gestão da imagem pública do Estado tornam-se imperativos estratégicos para a consolidação desse vetor de influência. Nicholas Cull (2019) expande essa discussão ao analisar a diplomacia pública, categorizando-a como o esforço de um ator internacional em gerenciar o ambiente internacional mediante o engajamento com uma audiência estrangeira. Segundo Cull (2019), a vertente da "gestão de marca do país" (*nation branding*) e a gestão de crises de imagem são determinantes para a credibilidade estatal. A imagem pública, portanto, não constitui um elemento meramente estético, mas um ativo político tangível que opera como filtro para a recepção das mensagens discursivas emitidas pelo Estado no sistema internacional.

A assimilação dessas premissas teóricas na análise de lideranças políticas evidencia que a atuação do governante desempenha um papel central na personificação dos recursos de atração de um país. A forma como um líder se expressa e projeta sua subjetividade e a imagem do seu país na esfera pública global pode funcionar como um multiplicador ou como um elemento de desgaste do poder de atração nacional (*soft power*). No caso de Volodymyr Zelensky, a literatura sobre diplomacia pública permite compreender que sua performance comunicativa atua diretamente na conversão de valores políticos, como a defesa da democracia liberal e da soberania, em mecanismos de cooptação e engajamento. A construção de sua imagem pública nas plataformas digitais, fundamentada na dramaticidade e na proximidade, visa angariar a simpatia de audiências estrangeiras para, por conseguinte, constranger governos e reconfigurar a distribuição de influência e apoio político no plano internacional.

3.4. PROPAGANDA POLÍTICA: CONCEITOS E USOS EM TEMPOS DE GUERRA

O emprego da comunicação estratégica como ferramenta complementar às ações militares constitui um fenômeno histórico amplamente documentado na literatura de segurança internacional. Em sua formulação clássica, Harold Lasswell (1927) conceitua a propaganda como o manejo de representações coletivas voltado para a manipulação deliberada de opiniões e atitudes humanas por meio da gestão de símbolos significativos. Essa conceituação encontra perfeita consonância com o princípio fundamental de Alexander Wendt (1999) de que as pessoas, e por extensão os Estados, agem

relativamente aos objetos com base no significado que esses elementos possuem para elas. Em períodos de beligerância, portanto, a propaganda opera como um mecanismo de atribuição de sentido intersubjetivo, sendo indispensável para edificar o significado coletivo do inimigo enquanto uma ameaça existencial e do próprio Estado como o legítimo defensor da ordem internacional, constituindo assim as estruturas ideacionais que organizam e justificam a ação estatal.

Sob a ótica do construtivismo sistêmico, a eclosão e a sustentação de um conflito dependem diretamente da construção social da ameaça. Wendt (1999) argumenta que as ameaças sociais são construídas e não naturais, o que significa que o dilema de segurança não decorre automaticamente do poder bruto. É nesse ponto que a teoria de Lasswell (1927) se integra à dinâmica sistêmica, pois a propaganda funciona como o veículo essencial para mobilizar o ímpeto social e transformar a capacidade material latente de outro Estado, expressa em tanques ou mísseis, em uma ameaça percebida. Esse processo ocorre mediante uma cadeia de sinalização e interpretação onde, sem o aparato comunicacional para decodificar o gesto do outro como inerentemente agressivo, a percepção de perigo mútuo poderia não se consolidar.

Ademais, a propaganda de guerra desempenha um papel crucial como ferramenta de altercasting, conceito que Wendt (1999) define como o esforço deliberado de um ator para induzir outro a adotar uma nova identidade ao tratá-lo como se ele já a possuísse. A atividade propagandística descrita por Lasswell opera, nesse sentido, como uma técnica de direção de cena internacional. Quando um agente político utiliza os fluxos informacionais para projetar o oponente sob o rótulo de Estado predador e agressivo, ele busca enquadrar unilateralmente a definição da situação social na anarquia. O objetivo dessa estratégia comunicativa é constranger os atores terceiros e a comunidade internacional, forçando-os a assumir a identidade intersubjetiva de protetores das normas globais, da ordem internacional e da democracia, alterando consequentemente seus interesses de engajamento e apoio material.

Essa disputa por enquadramentos exige uma gestão rigorosa da distribuição de conhecimento no sistema internacional. Conforme afirma Wendt (1999), o caráter da interação internacional depende diretamente do conhecimento comum e das expectativas compartilhadas vigentes entre os atores. A propaganda atua, conforme a perspectiva de Lasswell, saturando o ambiente informacional para assegurar que esse conhecimento coletivo sobre o conflito permaneça favorável à identidade e aos interesses da nação emissora. Se o entendimento comum sobre quem é o agressor for alterado ou esquecido

pela sociedade global, a própria estrutura da política de poder se reconfigura em conformidade com esse novo arranjo de conhecimento.

Por fim, a legitimação das práticas de autoajuda e de comportamento competitivo na anarquia é diretamente dependente desse arranjo simbólico. Na teoria construtivista, a percepção de que existe um Estado puramente predador compele os demais atores a abandonarem posturas cooperativas e adotarem lógicas de segurança estritamente competitivas baseadas na desconfiança. A propaganda de guerra de Lasswell constitui o mecanismo empírico que atesta e expõe esse rótulo ou imagem negativa para os públicos interno e externo, ensinando os Estados a responderem à propaganda com base na reciprocidade negativa. Ao gerenciar símbolos e consolidar a identidade do inimigo como o “Outro hostil”, e do próprio Estado como o “Eu vitimizado”, a propaganda transforma a guerra em uma instituição social fundamentada em significados intersubjetivos compartilhados, convertendo a comunicação digital em um vetor estratégico indispensável para a sobrevivência e para a sustentação do esforço de defesa nacional.

3.5. TEORIA DO ENQUADRAMENTO: SELEÇÃO, SALIÊNCIA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

A compreensão das estratégias comunicativas analisadas nesta pesquisa requer a incorporação de um instrumento analítico complementar ao arcabouço construtivista: a teoria do enquadramento (framing). Embora o conceito tenha origem nos estudos de Erving Goffman (1974) sobre a organização da experiência social, sua aplicação às comunicações políticas e midiáticas foi sistematizada de forma canônica por Robert Entman (1993), cuja formulação constitui a base teórica adotada neste subcapítulo.

Para Entman (1993), enquadrar consiste em selecionar aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes em um texto comunicativo, de maneira a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e uma recomendação de tratamento para o item descrito. Sob essa perspectiva, o enquadramento não é uma descrição neutra da realidade, mas uma operação discursiva ativa que organiza o sentido ao privilegiar determinadas dimensões de um fenômeno em detrimento de outras igualmente possíveis. A saliência de certos elementos, e o silenciamento deliberado de outros, é o mecanismo central por meio do qual emissores políticos buscam orientar a interpretação de audiências geograficamente e culturalmente dispersas.

A relevância dessa teoria para o presente estudo reside na sua capacidade de

operacionalizar, no plano da análise empírica, os processos de construção identitária e de altercasting digital examinados nas seções anteriores. Se, para Wendt (1999), as identidades e os interesses são construídos socialmente por meio da interação discursiva, é a teoria do enquadramento que oferece as ferramentas analíticas concretas para identificar como essa construção ocorre no nível das mensagens comunicativas específicas. O enquadramento traduz a lógica construtivista abstrata em categorias observáveis: quais elementos de um conflito são selecionados para figurar em uma publicação nas redes sociais, de que maneira são apresentados visualmente, quais interpretações causais são sugeridas e que tipo de resposta normativa é implicitamente demandada da audiência.

No contexto da diplomacia digital em tempos de guerra, Entman (1993) sugere que os enquadramentos mais eficazes são aqueles que ressoam com as crenças e os esquemas culturais pré-existent das audiências-alvo. Essa premissa é diretamente aplicável à análise das práticas comunicativas de Volodymyr Zelensky, cuja comunicação nas plataformas Instagram e X mobiliza consistentemente enquadramentos identitários ancorados nos valores democráticos liberais, os quais são amplamente internalizados pelas audiências das potências ocidentais. Ao selecionar e tornar salientes os elementos de resistência, soberania e defesa da ordem multilateral, o discurso ucraniano constrói um enquadramento que não apenas descreve o conflito, mas prescreve implicitamente o papel moral que os atores terceiros devem assumir diante dele. É nessa dimensão prescritiva e normativa do enquadramento que reside a sua convergência com o mecanismo de altercasting digital que constitui o núcleo analítico desta investigação.

4. A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA POLÍTICA EXTERNA UCRANIANA: ENTRE O VETOR OCIDENTAL E O LEGADO SOVIÉTICO

A compreensão das práticas discursivas contemporâneas da Ucrânia exige o mapeamento das forças históricas e estruturais que moldaram a sua inserção internacional desde a dissolução da União Soviética em 1991. A formulação da política externa de Kiev não se apresenta como um fenômeno estático, mas sim como o resultado de uma oscilação pendular entre a busca por integração às instituições euro-atlânticas e as persistentes pressões geopolíticas exercidas pela Federação Russa. Esta seção analisa a transição estratégica do Estado ucraniano, fornecendo a base histórica necessária para compreender a posterior digitalização de sua diplomacia de crise.

4.1. O DILEMA MULTIVETORIAL E A BUSCA POR RECONHECIMENTO (1991-2004)

A emergência da Ucrânia como Estado soberano em 1991 recolocou o país diante de um complexo desafio de identidade e segurança internacional. Conforme argumenta Taras Kuzio (2001; 2006) em suas extensas pesquisas sobre a formação do Estado ucraniano, os primeiros governos pós-soviéticos, sob as presidências de Leonid Kravchuk e Leonid Kuchma, buscaram adotar uma estratégia que a literatura classifica como política externa multivetorial. Essa abordagem procurava equilibrar as relações de dependência econômica, energética e militar com Moscou ao mesmo tempo em que sinalizava uma gradual aproximação com a União Europeia e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO). O Memorando de Budapeste de 1994, no qual a Ucrânia concordou em aderir ao Tratado de Não Proliferação Nuclear em troca de garantias de segurança por parte de Estados Unidos, Reino Unido e Rússia, simboliza a tentativa inicial de resguardar a soberania e integridade territorial do país por meio de um acordo internacional.

No entanto, essa postura pendular deparava-se com divisões internas profundas e com a incapacidade estrutural de consolidar uma identidade externa coesa. Paul D'Anieri (2007), ao analisar os dilemas de segurança na Europa Oriental, assinala que a política multivetorial refletia o pragmatismo das elites políticas ucranianas, que tentavam maximizar os ganhos econômicos decorrentes do trânsito de gás russo para o mercado europeu sem romper os laços históricos com o Kremlin. Essa ambiguidade estratégica começou a demonstrar sinais de exaustão no final da década de 1990, à medida que a expansão da União Europeia em direção ao Leste aumentava a atração do bloco sobre a sociedade civil ucraniana, exacerbando as tensões entre as forças políticas de orientação nacionalista ocidental, de um lado, e, de outro lado, a população de língua e cultura russas, a qual se alinhavam os setores industriais, políticos e oligárquicos associados à órbita russa.

4.2. AS RUPTURAS POPULARES E OS VETORES DE INTEGRAÇÃO EM DISPUTA (2004-2014)

O equilíbrio precário da política multivetorial foi definitivamente fraturado pelos acontecimentos da Revolução Laranja no final de 2004, um marco histórico que reconfigurou as expectativas internacionais sobre o posicionamento geopolítico de Kiev.

Conforme demonstram os estudos de Gwendolyn Sasse (2007) a respeito das transições democráticas na região, o levante popular contra as fraudes eleitorais marcou a ascensão de Viktor Yushchenko, cuja plataforma externa buscava acelerar a integração europeia e romper com a dependência histórica de Moscou. Esse período sinalizou uma tentativa de reconstrução identitária em que a Ucrânia passou a ser apresentada discursivamente como parte integrante e indissociável da civilização europeia comum. Essa guinada ocidental, contudo, provocou fortes reações por parte do Kremlin, que utilizou a interrupção do fornecimento de gás natural nos invernos de 2006 e 2009 como um instrumento de pressão econômica.

A instabilidade desse vetor de integração tornou-se ainda mais aguda com o retorno das forças pró-russas ao poder sob Viktor Yanukovych em 2010, culminando na crise do Euromaidan no final de 2013. Andrew Wilson (2014) aponta que a decisão abrupta de Yanukovych de suspender a assinatura do Acordo de Associação com a União Europeia, em favor de um resgate financeiro oferecido por Moscou, foi percebida por parcelas nacionalistas da população como uma renúncia ao futuro soberano do país. Os protestos massivos que se sucederam e a subsequente deposição do mandatário no início de 2014 e as medidas tomadas pelo novo governo, resultaram na secessão da Crimeia e sua incorporação à Rússia, bem como no início do conflito separatista na região do Donbas. Esses eventos históricos transformaram a dinâmica de segurança da Ucrânia, sepultando em definitivo qualquer possibilidade de retorno à política multivetorial e fixando a sobrevivência do Estado como a prioridade absoluta de sua agenda internacional.

4.3. A POLÍTICA EXTERNA PÓS-2014 E AS BASES PARA A COMUNICAÇÃO DE CRISE CONVERGENTE

A conjuntura de guerra híbrida e violação da integridade territorial que se instalou a partir de 2014 forçou o Estado ucraniano a reformular integralmente os seus instrumentos de inserção internacional e defesa estratégica. Sob a presidência de Petro Poroshenko, o país formalizou a busca pela adesão à União Europeia e à NATO como preceitos constitucionais, sinalizando um alinhamento definitivo com o Ocidente. Autores contemporâneos como Arkady Moshes e Ryhor Nizhnikau (2018) ressaltam que esse período foi caracterizado por um esforço de internacionalização da crise, no qual a diplomacia ucraniana buscou construir redes de sanções internacionais contra a Rússia e assegurar o apoio financeiro ocidental para a modernização de suas forças armadas. Foi nesse cenário de vulnerabilidade material e de necessidade de engajamento continuado que as instituições de Kiev começaram a perceber o valor estratégico da comunicação

internacional e da gestão de narrativas para compensar as assimetrias em relação ao poderio militar de Moscou.

Portanto, a eleição de Volodymyr Zelensky em 2019 e a subsequente invasão em larga escala em 2022 não representam um ponto de ruptura isolado, mas sim a aceleração de um processo histórico de reconstrução identitária e de busca por segurança. Conforme analisam Alister Miskimmon e Ben O'Loughlin (2021) ao debaterem o papel das narrativas estratégicas globais, a bagagem de comunicação de massa de Zelensky encontrou um aparato estatal que já havia compreendido que a soberania nacional dependia diretamente da capacidade de engajar audiências externas. A transição histórica do isolamento pós-soviético para a centralidade no debate de segurança europeu pavimentou o caminho para que as plataformas digitais fossem transformadas nos principais palcos de projeção do “Eu ucraniano” e pressão sobre o Ocidente, evidenciando como a trajetória histórica do país atua como a infraestrutura ideacional que sustenta as práticas discursivas contemporâneas.

No ecossistema informacional contemporâneo, a visão sobre a liderança política e a projeção internacional do Estado encontram-se indissociavelmente ligadas à gestão da imagem pública nas redes sociais. A personalização da política, ampliada pelas dinâmicas digitais, transferiu parte substancial da legitimidade das instituições burocráticas para a figura individual do governante. Como aponta Ilan Manor (2019), o líder político converte-se no principal diplomata de sua nação no ambiente virtual, atuando como o núcleo focal de onde emanam as narrativas de identidade e interesse do Estado.

A construção de imagem nas plataformas digitais exige a adoção de enquadramentos discursivos e estéticos específicos que buscam gerar identificação com audiências globais. Conforme a literatura especializada em diplomacia pública virtual, a eficácia da liderança digital parece residir na capacidade de simular autenticidade e proximidade, procurando romper com o formalismo e o distanciamento característicos das comunicações estatais do século passado (MANOR, 2019). Ao analisar a diplomacia baseada em mídias sociais, Constanza Duncombe (2019), argumenta que o uso de ferramentas digitais permite a exteriorização de afetos e emoções que humanizam a figura do estadista. O uso estratégico de transmissões ao vivo, postagens em tom informal e elementos audiovisuais customizados funciona como uma técnica de enquadramento que tenta aproximar o líder das massas internacionais, ativando mecanismos de empatia e engajamento normativo..

Essa espetacularização e personalização da liderança política nas redes sociais

encontram no conflito contemporâneo seu campo analítico definitivo. O governante contemporâneo opera como um ator em um palco digital global, onde cada manifestação discursiva concorre diretamente pela atenção e pela validação do público. A imagem projetada pelo líder nas redes sociais deixa de ser um reflexo passivo de sua atuação governamental e passa a ser uma força constitutiva da percepção da própria realidade política internacional. Sob o prisma construtivista sistêmico, o gerenciamento dessa imagem e a encenação performática da liderança nas plataformas virtuais tornam-se insumos de poder indispensáveis, capazes de moldar as expectativas comuns, atrair recursos de apoio e definir os rumos da política externa na era da informação.

5. A RECONFIGURAÇÃO DA COMUNICAÇÃO POLÍTICA NA ERA DIGITAL E A DIPLOMACIA DE CRISE

5.1. ECOSSISTEMA DIGITAL E A RECONFIGURAÇÃO ESTRUTURAL DA COMUNICAÇÃO POLÍTICA

A emergência das plataformas digitais e a consolidação da internet de banda larga transformaram a arquitetura da comunicação global, impactando diretamente o exercício do poder e a formulação das estratégias de política externa. Manuel Castells (2009) conceitua essa mudança estrutural como a transição para a autocomunicação de massa, um modelo no qual os atores políticos e os indivíduos possuem a capacidade de produzir, difundir e receber mensagens em escala planetária sem a intermediação obrigatória dos conglomerados de mídia tradicionais. Sob essa nova lógica, as redes digitais passam a operar como o espaço primordial onde as relações de poder são moldadas, contestadas e reprogramadas, alterando a hierarquia informacional que historicamente beneficiava apenas as grandes potências com domínio da tecnologia digital.

No campo das Relações Internacionais, essa mutação estrutural busca conferir uma nova dimensão à agência dos líderes políticos em momentos de crise sistêmica. Ilan Manor (2019) assinala que a digitalização alterou de forma irreversível o tempo e o alcance da comunicação governamental, impondo uma dinâmica de tempo real que exige respostas discursivas instantâneas. A velocidade do ecossistema digital encurta os prazos para a tomada de decisão diplomática e força as lideranças a competirem em um mercado de atenção saturado, onde a visibilidade é um recurso escasso e disputado. Portanto, a capacidade de pautar a opinião pública internacional passa a depender da habilidade do ator em navegar nessas redes interconectadas, transformando dados brutos em fluxos de

informação estrategicamente direcionados.

Ademais, as pesquisas contemporâneas de Andrew Hoskins e Ben O'Loughlin (2015) a respeito da ecologia de mídia em tempos de conflito demonstram que a descentralização informacional fragmentou as narrativas oficiais estáveis. O ambiente virtual contemporâneo funciona sob a lógica de algoritmos que priorizam o engajamento e a circulação de conteúdos de alto impacto emocional. Dessa maneira, a reconfiguração da comunicação política na era digital sinaliza a necessidade de os Estados desenvolverem capacidades de enquadramento discursivo que consigam não apenas informar, mas gerar identificação coletiva imediata com audiências geograficamente dispersas, tornando a gestão das plataformas virtuais um elemento central no cálculo das estratégias da diplomacia dos Estados modernos.

5.2. DIPLOMACIA DIGITAL: TEORIA E PRÁTICA PERANTE CONFLITOS INTERNACIONAIS

A incorporação das tecnologias de informação e comunicação nas chancelarias e gabinetes presidenciais resultou na emergência da diplomacia digital, um campo de estudo e prática que busca redefinir os contornos da diplomacia pública tradicional. Corneliu Bjola e Marcus Holmes (2015) definem o fenômeno como o uso de ferramentas interativas e plataformas de redes sociais por Estados para alcançar objetivos de política externa e gerenciar sua reputação internacional. A prática diplomática, historicamente caracterizada pelo sigilo corporativo, pela burocracia estrita e por canais restritos de Estado para Estado, passa a coexistir com uma arena pública, instantânea e altamente interativa, onde as audiências globais demandam transparência e participação horizontal.

A dimensão teórica desse processo pressupõe o conceito de desmediação institucional, em que os atores políticos procuram emitir suas posições oficiais diretamente às populações estrangeiras, contornando os filtros editoriais da imprensa tradicional e as amarras dos protocolos diplomáticos clássicos. Jan Melissen (2005) argumenta que a diplomacia pública moderna se baseia no engajamento de redes de cidadãos para construir influência e legitimidade de longo prazo. No ambiente virtual, essa premissa é maximizada, pois as redes sociais operam sob a lógica da interatividade bidirecional. O Estado deixa de ser o único emissor soberano e passa a interagir em um ecossistema saturado de informações, onde a velocidade da resposta e a capacidade de engajamento emocional determinam a eficácia e a sobrevivência da mensagem política projetada.

Em contextos de guerra e crises internacionais, a diplomacia digital assume um papel

predominantemente defensivo e de dissuasão discursiva. Conforme destacam Bjola e Manor (2022) em análises sobre conflitos no Leste Europeu, a habilidade de um governo em utilizar plataformas digitais para contrapor desinformações e projetar sua versão dos fatos em tempo real é vital para angariar apoio internacional rápido. A prática diplomática nas redes sociais deixa de ser um mero instrumento secundário de relações públicas e passa a atuar diretamente na legitimação das ações soberanas do Estado. Essa dinâmica busca neutralizar as narrativas do oponente e mobilizar alianças externas perante a opinião pública global, demonstrando que a gestão de redes virtuais converteu-se em uma extensão indispensável dos teatros geopolíticos de operações.

5.3. LIDERANÇA DIGITAL E PERFORMANCE COMUNICATIVA: ZELENSKY COMO ESTUDO DE CASO

Aplicando os conceitos de Manor (2019) e Duncombe (2019) apresentados no referencial teórico, é possível identificar de que maneira as premissas da liderança digital se materializam concretamente nas práticas comunicativas de Volodymyr Zelensky. Se Manor (2019) argumenta que o líder político converte-se no principal diplomata de sua nação no ambiente virtual, a trajetória de Zelensky oferece um caso paradigmático dessa dinâmica: sua formação prévia no entretenimento, como ator e produtor, dotou-o de uma competência performática que se revela como um ativo estratégico no ecossistema das redes sociais, muito além das habilidades retóricas típicas de mandatários formados na tradição diplomática clássica.

A aplicação prática do conceito de autenticidade simulada descrito por Duncombe (2019) manifesta-se de forma recorrente nas publicações do mandatário. Enquanto líderes de potências ocidentais comunicam posições oficiais por meio de notas institucionais formais e press releases produzidos por equipes de assessoria, Zelensky constrói sua presença digital sobre a aparência de espontaneidade e imediatismo. As gravações realizadas em ambientes externos, como nas ruas de Kiev, postos de comando, memoriais de guerra, com câmera portátil e iluminação natural funcionam como um marcador estético que sinaliza proximidade com a realidade do conflito e contrasta deliberadamente com a opacidade comunicacional do oponente. Esse enquadramento estético, nos termos de Entman (1993), torna saliente a dimensão da autenticidade e suprime a dimensão da produção calculada, ainda que ambas coexistam na mesma mensagem.

A dimensão multilíngue das publicações constitui outro elemento que singulariza a liderança digital de Zelensky em relação ao padrão comunicacional de seus pares. Ao veicular legendas simultâneas em inglês, ucraniano, francês, alemão e polonês, a

depende da audiência-alvo de cada publicação, o mandatário opera uma segmentação de públicos que maximiza o alcance transnacional sem sacrificar a especificidade normativa da mensagem. Essa prática evidencia o funcionamento do soft power digital tal como formulado por Nye (2004): a atração não decorre de uma mensagem uniforme, mas da capacidade de cada audiência de reconhecer seus próprios valores refletidos no discurso do emissor.

Por fim, o uso estratégico da ferramenta de publicação colaborativa simultânea nos perfis de chefes de Estado parceiros representa a expressão mais sofisticada da liderança digital de Zelensky como instrumento de política externa. Ao co-assinar publicações com Keir Starmer, Emmanuel Macron e Olaf Scholz nas plataformas digitais, o mandatário ucraniano não apenas registra um encontro diplomático, ele co-produz uma realidade política perante audiências domésticas de múltiplos países simultaneamente. Sob o prisma de Crilley (2022), esse recurso técnico converte a visibilidade digital em um mecanismo de constrangimento normativo bidirecional: ao aparecer ao lado de Zelensky nas redes, o líder ocidental incorpora publicamente o papel identitário de defensor da soberania ucraniana perante seu próprio eleitorado, tornando o posterior recuo logístico ou político um custo de reputação que os algoritmos das plataformas digitais tornam imediatamente mensurável e visível.

6. AS PRÁTICAS DISCURSIVAS DE ZELENSKY NAS REDES SOCIAIS: O EU E O OUTRO NO CONFLITO

A análise empírica das manifestações públicas de Volodymyr Zelensky nas plataformas digitais Instagram e X permite compreender de que maneira a comunicação personalizada atua como elemento constituinte da percepção da realidade política internacional. Afastando-se dos canais burocráticos tradicionais, o mandatário ucraniano utiliza o ecossistema de redes sociais para gerenciar símbolos e enquadrar discursivamente o conflito. Este capítulo examina o processo de construção identitária operado por meio dessas práticas discursivas, dividindo-se entre a formulação do "Eu" nacional ucraniano, a caracterização do "Outro" na condição de ameaça sistêmica e a dialética de polarização que busca constranger a neutralidade de atores terceiros.

6.1. A FORMULAÇÃO DO "EU" UCRANIANO NAS REDES SOCIAIS

A construção da identidade nacional da Ucrânia nas redes sociais de Volodymyr Zelensky opera como um mecanismo de atribuição de sentido que busca reconfigurar os interesses dos atores internacionais no sistema. Em consonância com a teoria

construtivista de Alexander Wendt (1999), segundo a qual as identidades precedem e moldam os interesses, o líder ucraniano procura estabelecer uma definição clara de quem seria o sujeito político que sofre a agressão militar. Nos pronunciamentos veiculados em formato de vídeo ou em comunicados oficiais nas plataformas digitais, a identidade ucraniana é sistematicamente associada aos valores da resiliência, da soberania inalienável e da cooperação proativa com a comunidade de nações democráticas. A espetacularização dessa liderança apoia-se em postagens estrategicamente formatadas para o consumo transnacional, simulando canais de transparência radical que desafiam a diplomacia secreta tradicional.

A gênese dessa estratégia de construção do Eu nacional pode ser identificada em seu momento inaugural e mais emblemático: o vídeo gravado por Volodymyr Zelensky nas dependências do governo ucraniano na madrugada do dia 25 de fevereiro de 2022, menos de 24 horas após o início da invasão em larga escala do território ucraniano pelas forças russas. Diante da circulação de rumores sobre uma suposta fuga do mandatário ao exterior — narrativa ativamente fomentada pela desinformação russa —, Zelensky optou por uma resposta radicalmente oposta aos protocolos comunicacionais tradicionais de segurança estatal. Em vez de emitir uma nota institucional ou convocar uma coletiva de imprensa formal, o presidente gravou um vídeo curto com câmera de celular, ao lado de membros de seu governo, e o veiculou diretamente em seus perfis oficiais nas redes sociais. A mensagem, pronunciada em ucraniano e traduzida para múltiplos idiomas pela própria comunidade de usuários das plataformas digitais em questão de horas, era de deliberada simplicidade: "We are all here protecting our independence" — "Estamos todos aqui protegendo nossa independência.

Figura 1: Republicação do vídeo de Zelensky pelo New York Times no Instagram (504 milhões de

curtidas)



Fonte: Perfil oficial do New York Times no Instagram (@nytimes, fev. 2022). Vídeo original veiculado pelo perfil oficial de Volodymyr Zelensky (@zelenskiy_official, 25 fev. 2022). Disponível em: <https://share.google/5I33YABk8D5mYFJTa>. Acesso em: 27 jun. 2026.

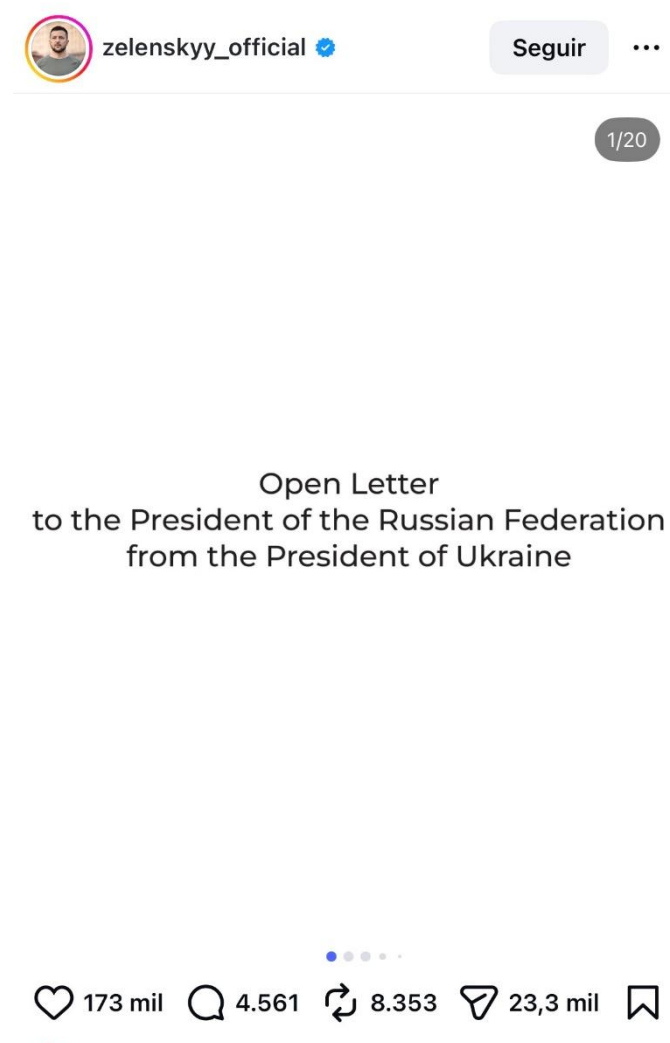
A relevância analítica desse registro transcende seu conteúdo verbal imediato. Sob o prisma da teoria do enquadramento de Entman (1993), a escolha estética do vídeo com câmera portátil, iluminação de ambiente, ausência de cenário institucional formal, presença física de Zelensky e de seus colaboradores diretos, opera como um enquadramento de resistência que torna saliente a dimensão da coragem pessoal e suprime qualquer leitura de vulnerabilidade ou colapso estatal. A mensagem não descreve a situação: ela a redefine. Ao aparecer vivo, sereno e em solo ucraniano, Zelensky converte

sua própria presença corporal em um argumento político de permanência soberana. Nos termos de Castells (2009), trata-se da autocomunicação de massa em sua expressão mais pura: um ator estatal que contorna todos os filtros institucionais e midiáticos para endereçar simultaneamente sua população nacional, os governos aliados e a opinião pública global por meio de um único gesto comunicativo de baixo custo e alto impacto simbólico.

A magnitude do alcance transnacional desse registro pode ser aferida de forma concreta: quando republicado pelo perfil oficial do New York Times na plataforma Instagram, o vídeo acumulou 504 milhões de curtidas, cifra que materializa empiricamente o efeito multiplicador da autocomunicação de massa descrito por Castells (2009) e valida a premissa de que a desmediação das redes converteu um pronunciamento de circunstância em um fato político global de primeira ordem. Esse episódio inaugural estabeleceu o padrão comunicativo que seria sistematicamente replicado e sofisticado ao longo dos anos seguintes: a desmediação como estratégia de soberania, a autenticidade estética como recurso de poder e a presença digital contínua como substituto funcional das capacidades dissuasórias materiais que o país não possuía diante do adversário.

Um exemplo dessa projeção identitária voltada à reafirmação da transparência e do diálogo multilateral pode ser observado na imagem abaixo, que retrata o início de uma carta aberta ao presidente da Federação Russa veiculada diretamente no Instagram oficial do mandatário ucraniano.

Figura 2: Projeção de transparência por meio de Carta Aberta no Instagram



Fonte: Instagram oficial de Volodymyr Zelensky (@zelenskiy_official, 2024).

Ao transpor para o ambiente digital de massa um formato tradicionalmente restrito aos canais reservados dos Estados, Zelensky busca projetar o Eu ucraniano como um ator dotado de legitimidade pública internacional, cuja disposição para o escrutínio global contrasta com o isolamento burocrático do oponente. Esse tipo de manifestação visual visa angariar o engajamento direto de audiências globais, transformando uma mensagem de caráter intersubjetivo em um fato midiático consumível, o qual procura legitimar a posição defensiva do país por meio da aprovação popular em rede.

Essa estratégia comunicativa utiliza a gestão de símbolos significativos descrita por Harold Lasswell (1927) para tentar unificar a percepção pública global em torno de uma imagem de confiabilidade e alinhamento normativo com as potências ocidentais. Zelensky busca mostrar a Ucrânia não apenas como um receptor passivo de auxílio militar, mas como um provedor de soluções e um aliado estratégico recíproco em

diferentes teatros de segurança mundial. Essa dinâmica fica evidenciada no exemplo abaixo, em que o líder ucraniano relata no X o envio de especialistas e assistência voltada à proteção de civis no Oriente Médio e ao suporte logístico a soldados norte-americanos desdobrados internacionalmente:

Figura 3: Enquadramento da Ucrânia como provedora de segurança



Fonte: Perfil oficial de Volodymyr Zelensky no X (@ZelenskyyUa, 2026).

O enquadramento discursivo operado nessa publicação visa sinalizar a utilidade marginal da parceria ucraniana, tentando consolidar a ideia de que o fortalecimento das capacidades do país gera benefícios mútuos para a arquitetura de segurança global liderada pelos Estados Unidos.

As pesquisas recentes de Pauline Heinrichs e Alister Miskimmon (2023) sobre a projeção de narrativas estratégicas no Leste Europeu corroboram que a eficácia desse enquadramento do Eu ucraniano reside na sua capacidade de ressonância institucional

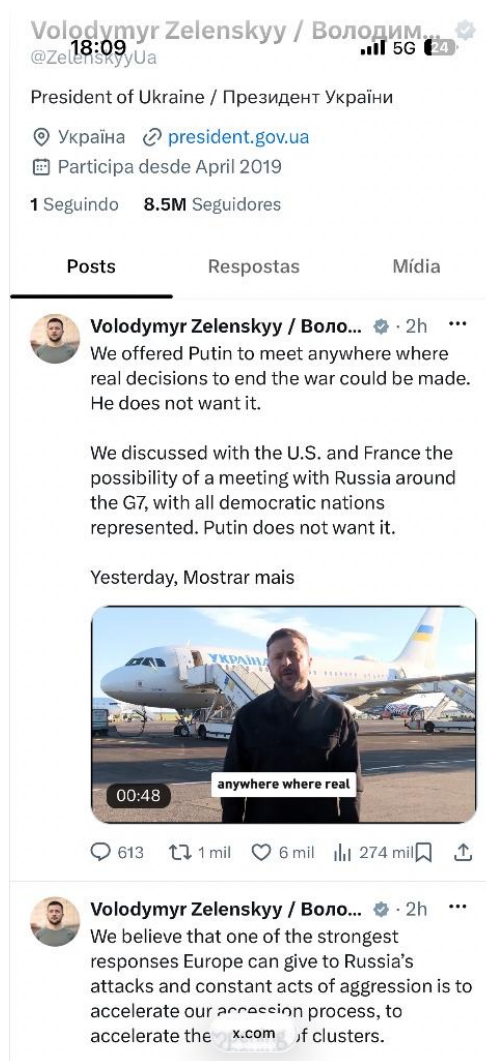
com as democracias liberais. De acordo com os autores, o discurso ucraniano procura estabelecer um nexos causal em que a soberania nacional é indissociável da preservação das normas multilaterais. Em suas publicações, o mandatário frequentemente recorre à reiteração de termos que acentuam o alinhamento com os pilares da governança global. A identidade ucraniana é, desse modo, construída de maneira a simular um pertencimento prévio e natural às esferas burocráticas do Ocidente, convertendo a resistência armada em um dever ético e compartilhado por todas as nações que buscam a salvaguarda do direito internacional na era da informação.

6.2. A CARACTERIZAÇÃO DO "OUTRO": A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA AMEAÇA

De modo simétrico, a eficácia do discurso de defesa da Ucrânia parece depender da deslegitimação do outro ator beligerante, processo que ocorre mediante a construção social da ameaça nas redes sociais. Alexander Wendt (1999) assevera que as capacidades materiais de um Estado não geram medo automaticamente, sendo necessária uma interpretação que classifique essas capacidades como hostis. Nas plataformas digitais de Zelensky, a liderança da Federação Russa é traduzida por meio de uma linguagem desenhada para tentar mobilizar o repúdio internacional, convertendo as decisões de Moscou em uma expressão de recusa deliberada da paz. O líder ucraniano recorre com frequência à personalização da ameaça na figura de Vladimir Putin, buscando estabelecer uma distinção moral clara entre o Eu cooperativo e o Outro intransigente.

Essa modalidade de propaganda política em tempos de guerra cumpre a função clássica identificada por Lasswell (1927) de sedimentar a identidade do inimigo como um elemento destrutivo para a convivência internacional. Como pode ser observado no post abaixo, Zelensky utiliza sua conta no X para enquadrar as tentativas de negociação e a busca por saídas pacíficas em fóruns como o G7, enfatizando de maneira repetitiva que a contraparte russa rejeita ativamente tais iniciativas por meio da sentença enfática "*He does not want it*" (Ele não quer isso):

Figura 4: Personalização e deslegitimação do oponente na plataforma X



Fonte: Perfil oficial de Volodymyr Zelensky no X (@ZelenskyyUa, 2024).

Ao focar na suposta indisposição do líder russo para o diálogo multilateral em locais onde decisões reais poderiam ser tomadas, a prática discursiva ucraniana procura desidratar os argumentos de defesa da Rússia, rotulando as ações do oponente como atos de agressão obstinada que ameaçam a integridade da comunidade democrática global.

Esse padrão de deslegitimação não se restringe à personalização negativa de Putin, mas estende-se à documentação sistemática dos impactos materiais do conflito sobre a população civil ucraniana. Em publicação veiculada no X em 18 de outubro de 2022, acompanhada de vídeo produzido pela plataforma United24Media, Zelensky enquadra os ataques às usinas de energia ucranianas sob o rótulo explícito de "terrorismo", informando que 30% das estações de energia do país haviam sido destruídas desde 10 de outubro, causando apagões massivos em todo o território. A escolha do termo "terrorist attacks"

cumpra uma função analítica precisa nos termos de Lasswell (1927): ao classificar ações militares sob uma categoria jurídica e moral que a comunidade internacional repudia de forma praticamente universal, o enquadramento retira da Rússia qualquer possibilidade de legitimar a destruição de infraestrutura civil como estratégia de guerra convencional. A frase de encerramento "No space left for negotiations with Putin's regime" opera como uma sentença de fechamento normativo: ao declarar publicamente a impossibilidade do diálogo, Zelensky transfere para a audiência ocidental a responsabilidade sobre o que resta como alternativa.

Figura 5: Enquadramento dos ataques à infraestrutura energética como terrorismo no X (18 out. 2022)



Fonte: Perfil oficial de Volodymyr Zelensky no X (@ZelenskyUa, 18 out. 2022).

A consequência estrutural dessa abordagem reside na tentativa de isolar

diplomaticamente o ator hostil por meio do constrangimento de suas justificativas políticas na arena informacional. Ao tentar consolidar nas redes sociais a percepção de que a Rússia atua movida por uma lógica de hostilidade pura e contínua, a comunicação de Zelensky busca inviabilizar discursivamente qualquer concessão que possa ser interpretada como complacência perante o agressor. A postagem exemplificada na figura, cumpre a função analítica de associar as capacidades militares russas ao conceito de agressão injustificada, sinalizando para as opiniões públicas estrangeiras que a persistência do conflito decorre unicamente da postura irredutível de Moscou. A propaganda digital funciona, portanto, como um redutor de saídas diplomáticas convencionais, forçando o cálculo internacional a centrar-se na necessidade de imposição de custos materiais ao Estado agressor.

Ao examinar as dinâmicas de desinformação e contra-narrativas no ambiente virtual, Corneliu Bjola e Ilan Manor (2022) argumentam que a desconstrução discursiva do Outro no Twitter e no Instagram atua como uma barreira psicológica de proteção. Os autores assinalam que, ao antecipar e expor sistematicamente as manobras informacionais russas, a comunicação ucraniana busca reduzir a eficácia do *soft power* do oponente. A fixação da identidade do agressor enquanto uma entidade que desafia as premissas da civilidade ocidental procura isolar o Kremlin diplomaticamente. O ecossistema digital transforma-se, portanto, em um tribunal público transnacional onde as ações militares são despidas de sua racionalidade estratégica clássica e revestidas de um enquadramento de ilegalidade e ilegitimidade que visa inviabilizar a aceitação internacional das posições russas.

6.3. A DIALÉTICA DOS DISCURSOS NAS REDES SOCIAIS: SÍNTESE E POLARIZAÇÃO NARRATIVA

A articulação simultânea entre a formulação do Eu nacional e a deslegitimação do Outro agressor pode ser identificada já em sua expressão inaugural, veiculada na plataforma X no próprio dia 24 de fevereiro de 2022, horas após o início da invasão. Em uma única publicação, Zelensky opera três movimentos discursivos simultâneos que condensam a gramática de polarização que estruturaria toda a sua comunicação subsequente. A comparação explícita da Rússia com a Alemanha Nazista por meio da hashtag #2WW mobiliza a memória histórica coletiva ocidental, ativando esquemas culturais de repúdio ao expansionismo que as audiências europeias e norte-americanas já possuem internalizados, exatamente o mecanismo de ressonância prévia descrito por Entman (1993). O uso das bandeiras nacionais como emojis em substituição aos nomes

dos países opera uma simplificação visual que torna a dicotomia Eu/Outro imediatamente legível para audiências globais independentemente do idioma. Por fim, a afirmação de resistência incondicional: "won't give up its freedom no matter what Moscow thinks", estabelece desde o primeiro momento a identidade ucraniana como irreduzível, convertendo a sobrevivência do Estado em um imperativo moral que dispensa mediação ou concessão.

Figura 6: Post inaugural de Zelensky no X no dia da invasão (24 fev. 2022)



Fonte: Perfil oficial de Volodymyr Zelensky no X (@ZelenskyyUa, 24 fev. 2022).

Essa gramática de polarização inaugural, longe de se esgotar no momento imediato da invasão, consolida-se ao longo do conflito como uma estratégia sistemática que busca moldar permanentemente a estrutura de expectativas da comunidade internacional. No ecossistema das redes sociais, as manifestações de Volodymyr Zelensky não operam de maneira isolada; pelo contrário, a construção da identidade ucraniana enquanto baluarte civilizatório é alimentada de forma direta pelo contraste com as ações atribuídas à Federação Russa. Sob a ótica de Harold Lasswell (1927), essa sobreposição de representações coletivas visa consolidar um enquadramento interpretativo binário no ambiente digital. Ao emparelhar conteúdos audiovisuais de cooperação e liderança humanizada com registros de destruição material provocada pelo adversário, as práticas

discursivas do mandatário procuram estabelecer uma barreira ética que dificulte a adoção de posturas de neutralidade ou pragmatismo geopolítico por parte de atores terceiros.

Essa dinâmica de contraste sistemático e busca por síntese institucional pode ser verificada no registro abaixo, no qual Zelensky delinea o objetivo principal de alcançar uma paz confiável e duradora para a Ucrânia e para toda a Europa:

Figura 7: Apelo por pressão internacional coordenada e paz duradoura no X



Fonte: Perfil oficial de Volodymyr Zelensky no X (@ZelenskyyUa, 2025).

Na referida publicação veiculada na plataforma X, o mandatário argumenta que o Ocidente não deve esperar que o oponente abandone voluntariamente a agressão, defendendo que o funcionamento da ordem internacional depende da aplicação de uma pressão conjunta e coordenada proveniente dos Estados Unidos, da Europa e de todos os atores que respeitam o direito à vida. O texto ilustrado no documento funciona como um vetor de constrangimento normativo que vincula explicitamente o respeito à estabilidade

sistêmica à participação ativa na arquitetura de contenção ao oponente, utilizando a visibilidade da rede social para cobrar engajamento direto de líderes globais.

Complementando essa perspectiva, os estudos de Rhys Crilley (2022) sobre a visibilidade de crises em plataformas digitais sugerem que o emparelhamento discursivo da busca pela cooperação com a denúncia da destruição material elimina a viabilidade de narrativas intermediárias ou posições ambíguas no ambiente virtual. A circulação massiva de conteúdos que exigem definições geopolíticas claras pressiona governos democráticos a agirem sob o escrutínio de suas próprias populações, que consomem esses fluxos informacionais diariamente. A eliminação do espaço para a neutralidade na esfera pública virtual funciona, portanto, como um acelerador diplomático. Ao associar implicitamente a inação à cumplicidade moral, a síntese discursiva gerada nas redes sociais procura constranger o cálculo racional tradicional de potências globais, forçando-as a assumir compromissos de segurança de longo prazo que seriam improváveis fora de um contexto de saturação narrativa e espetacularização digital da crise..

7. ECOSSISTEMA DIGITAL COMO VETOR DE *ALTERCASTING* E A MOBILIZAÇÃO DO OCIDENTE

A compreensão da eficácia das estratégias comunicativas de Volodymyr Zelensky exige a análise do impacto dessas práticas discursivas sobre os processos de tomada de decisão dos atores do sistema internacional. Para além da construção das identidades nacionais em conflito, a atuação do mandatário ucraniano nas redes sociais busca exercer uma pressão normativa sobre as potências ocidentais. Esta sessão procura examinar de que maneira o ecossistema digital é utilizado como uma ferramenta para tentar induzir comportamentos específicos em Estados terceiros, utilizando os conceitos de *altercasting*, atração por meio do *soft power* e as dinâmicas de poder na sociedade em rede.

7.1. O *ALTERCASTING DIGITAL*: ENQUADRANDO O PAPEL DO OCIDENTE NO CONFLITO

O esforço de mobilização externa operado pelas redes sociais de Volodymyr Zelensky parece fundamentar-se no mecanismo que Alexander Wendt (1999) define como *altercasting*, o qual consiste na tentativa de um ator em induzir outro a adotar uma identidade específica ao tratá-lo como se ele já a possuísse de antemão. No ecossistema das plataformas digitais, contudo, essa dinâmica ganha contornos de maior complexidade. Conforme argumenta Constanza Duncombe (2019) em seus estudos sobre o poder das

mídias sociais nas Relações Internacionais, a projeção de identidades em redes virtuais não é apenas um reflexo das intenções estatais, mas uma prática discursiva saturada de apelos emocionais que busca reconfigurar o reconhecimento mútuo entre os Estados. As postagens do mandatário ucraniano sinalizam um enquadramento constante em que as democracias ocidentais são projetadas como os pilares indispensáveis e os protetores naturais da liberdade global, transformando o suporte material em uma pré-condição para a própria manutenção do estatuto identitário dessas potências. Esse mecanismo analítico e de engajamento manifesta-se de forma nítida na cena em que Volodymyr Zelensky surge posicionado no centro de uma coalizão política de alto nível, ladeado pelo Chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, pelo Primeiro-Ministro do Reino Unido, Keir Starmer, e pelo Presidente da França, Emmanuel Macron, no cenário altamente simbólico da residência oficial de Downing Street. A disposição simétrica das bandeiras nacionais europeias em paralelo à bandeira da Ucrânia, combinada com a utilização do recurso tecnológico de publicação colaborativa simultânea nos perfis dos governantes sob um lema multilíngue de união protetiva, constrói uma moldura de cumplicidade ética intransigível, conforme ilustrado na postagem abaixo:

Figura 8: Representação visual de alinhamento diplomático e legitimação internacional no Instagram



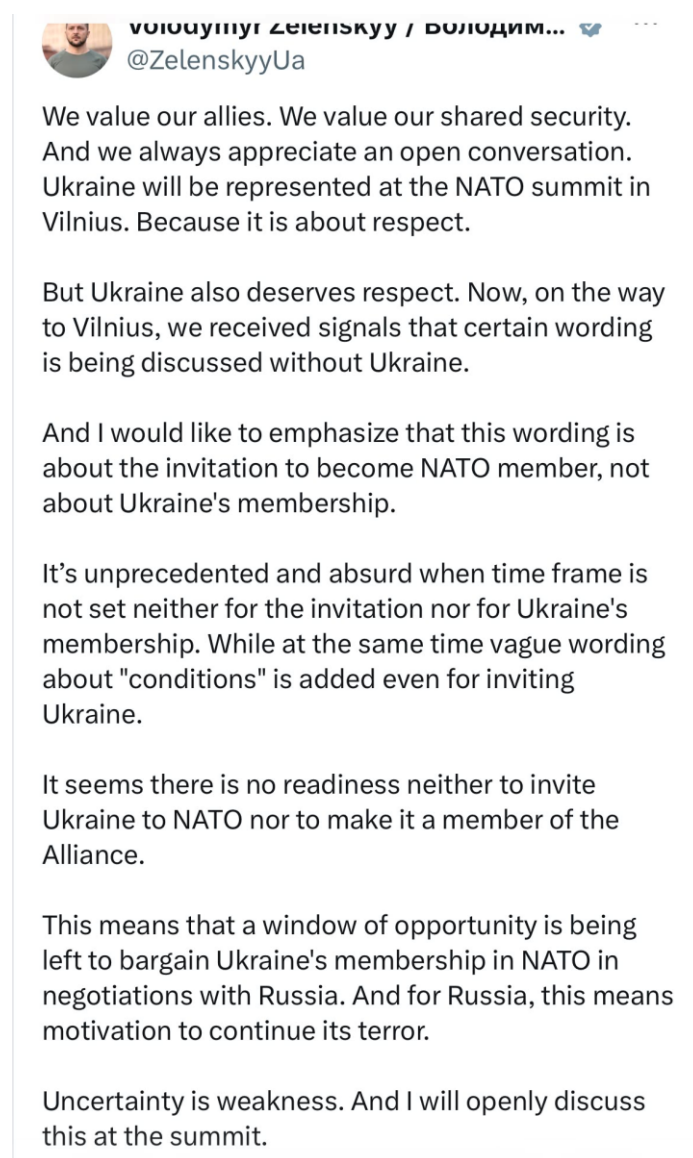
Fonte: Perfil oficial de Keir Starmer e outros no Instagram (STARMER et al., 2026).

Ao associar visualmente a legitimidade institucional dos líderes das principais democracias liberais europeias à causa da soberania ucraniana na plataforma Instagram, a comunicação digital do mandatário opera o *altercasting* normativo examinado por Alexander Wendt (1999). Essa técnica transfere a responsabilidade da segurança regional

para a identidade moral coletiva do Ocidente, sinalizando que a omissão material ou o recuo logístico por parte desses governantes equivaleria a uma abdicação de seus próprios papéis históricos como defensores da ordem democrática global perante os seus respectivos eleitorados domésticos.

O mecanismo de *altercasting digital* não se restringe ao constrangimento por meio de imagens de cumplicidade simbólica. Ele opera igualmente por meio do confronto discursivo direto com as instituições aliadas em momentos de divergência política. Em julho de 2023, às vésperas da Cúpula da NATO em Vilnius, Zelensky veiculou no X uma declaração que exemplifica essa dimensão mais assertiva do altercasting: ao saber que a formulação sobre a adesão ucraniana à Aliança estava sendo debatida sem a participação de Kiev, o mandatário publicou uma crítica aberta e em tom de indignação contida, classificando a situação de "unprecedented and absurd" e encerrando com a afirmação de que "Uncertainty is weakness." Nos termos de Wendt (1999), essa publicação constitui um altercasting de responsabilização retroativa: Zelensky não apenas projeta o papel que os aliados deveriam assumir, mas expõe publicamente o custo identitário de não o assumirem. Ao enquadrar a hesitação da NATO como fraqueza que beneficia diretamente a Rússia, ele converte a inação do aliado em cumplicidade indireta com o agressor, um custo de reputação que as democracias liberais, sob o escrutínio de suas próprias populações, dificilmente podem aceitar.

Figura 9: Altercasting de responsabilização: Zelensky confronta a NATO em Vilnius no X (11 jul. 2023)



Fonte: Perfil oficial de Volodymyr Zelensky no X (@ZelenskyyUa, 11 jul. 2023).

Essa estratégia de enquadramento procura saturar o ambiente informacional com a ideia de que a omissão diante da agressão unilateral representaria uma ruptura com as normas constitutivas da comunidade democrática internacional. Ao analisar as narrativas estratégicas no conflito ucraniano, Alister Miskimmon e Ben O'Loughlin (2021) apontam que a comunicação digital em tempos de guerra opera por meio da sobreposição de escalas, em que a defesa de um território local é discursivamente traduzida como a defesa de um bem público global. A gestão de símbolos descrita por Harold Lasswell (1927) é, portanto, atualizada por meio de recursos multimídia que buscam evocar a memória histórica ocidental. Quando o discurso de Zelensky direciona-se a audiências específicas na Europa e nos Estados Unidos, ele busca sinalizar que o fornecimento de ajuda militar

e a imposição de sanções econômicas não constituem meras escolhas pragmáticas de política externa, mas sim imperativos morais necessários para a validação da identidade do Ocidente enquanto defensor da ordem liberal. Essa estratégia manifesta-se visual e textualmente na declaração oficial do mandatário veiculada na plataforma X, na qual ele aparece em pronunciamento direto por vídeo, trajando vestimentas de estética militar em frente aos símbolos e bandeiras oficiais do Estado ucraniano. Na legenda da publicação, escrita em inglês para o consumo transnacional, o líder destaca a convergência em torno de princípios fundamentais e planos de encerramento do conflito traçados em cooperação direta com os representantes governamentais norte-americanos, europeus e globais, conforme ilustrado na Figura 7, apresentada adiante no subcapítulo 7.3

Ao expor publicamente essa agenda de trabalho conjunta e ao pautar as redes com expectativas de ações bilaterais honestas e transparentes, a comunicação digital do Estado agredido amarra o prestígio das potências aliadas à eficácia dos resultados no campo de batalha, transformando o engajamento externo em uma obrigação compartilhada para a estabilidade sistêmica mundial. Ademais, as pesquisas contemporâneas de Corneliu Bjola e Ilan Manor (2022) sobre a diplomacia digital na crise russo-ucraniana demonstram que esse processo de *altercasting* digital é amplificado pela velocidade e pela desmediação das plataformas. O líder ucraniano procura estabelecer uma definição da situação social na qual o não alinhamento imediato das potências ocidentais é enquadrado como uma incoerência ética perante a sua própria opinião pública doméstica. Conforme assinala Rhys Crilley (2022), o uso de imagens humanizadas e pronunciamentos diretos nas redes sociais funciona como um mecanismo de constrangimento normativo que atua de baixo para cima. O *altercasting* digital, sob essa perspectiva das pesquisas mais recentes, deixa de ser uma mera sinalização diplomática de gabinete e passa a operar como uma força estruturante que busca moldar o cálculo político de atores terceiros, vinculando a legitimidade internacional desses governos à sua capacidade de responder de forma favorável às demandas ideacionais projetadas pelo Estado agredido

Dessa forma, a indução de papéis por meio do ambiente virtual opera como um redutor de opções diplomáticas para os aliados. As postagens no Instagram e no X direcionadas a chefes de Estado específicos funcionam como intimações públicas de caráter moral que transferem o debate geopolítico dos gabinetes fechados para o tribunal da opinião pública digital. Esse mecanismo de constrangimento normativo e a busca por legitimação visual por meio das mídias sociais ficam evidenciados na publicação conjunta veiculada na plataforma Instagram, disposta na figura abaixo, a qual ilustra de maneira

empírica o processo de desmediação diplomática operado pela chancelaria ucraniana.

Figura 11: Representação visual de cooperação diplomática bilateral e altercasting no Instagram



Fonte: Perfil oficial de Volodymyr Zelensky no Instagram (@zelenskyy_official 2026).

No plano estético e político do registro, o Presidente Volodymyr Zelensky aparece ao lado do Primeiro-Ministro do Reino Unido, Keir Starmer, em um aperto de mãos institucionalizado que projeta a materialização do suporte estratégico britânico sob o cenário simbólico de Downing Street. A relevância analítica dessa imagem transcende a mera publicidade oficial ao evidenciar o funcionamento do altercasting digital, uma vez

que a ferramenta de postagem colaborativa vincula os perfis de ambos os líderes de forma síncrona. Esse recurso técnico e visual coage intersubjetivamente o Estado aliado a internalizar o papel identitário de tutor ativo da soberania ucraniana perante suas próprias audiências domésticas. Desse modo, a imposição mútua dessa moldura de cumplicidade ética converte os fluxos informacionais em rede em um recurso de força sistêmico, fixando o engajamento externo como um imperativo político indissociável da reputação internacional dos governantes ocidentais.

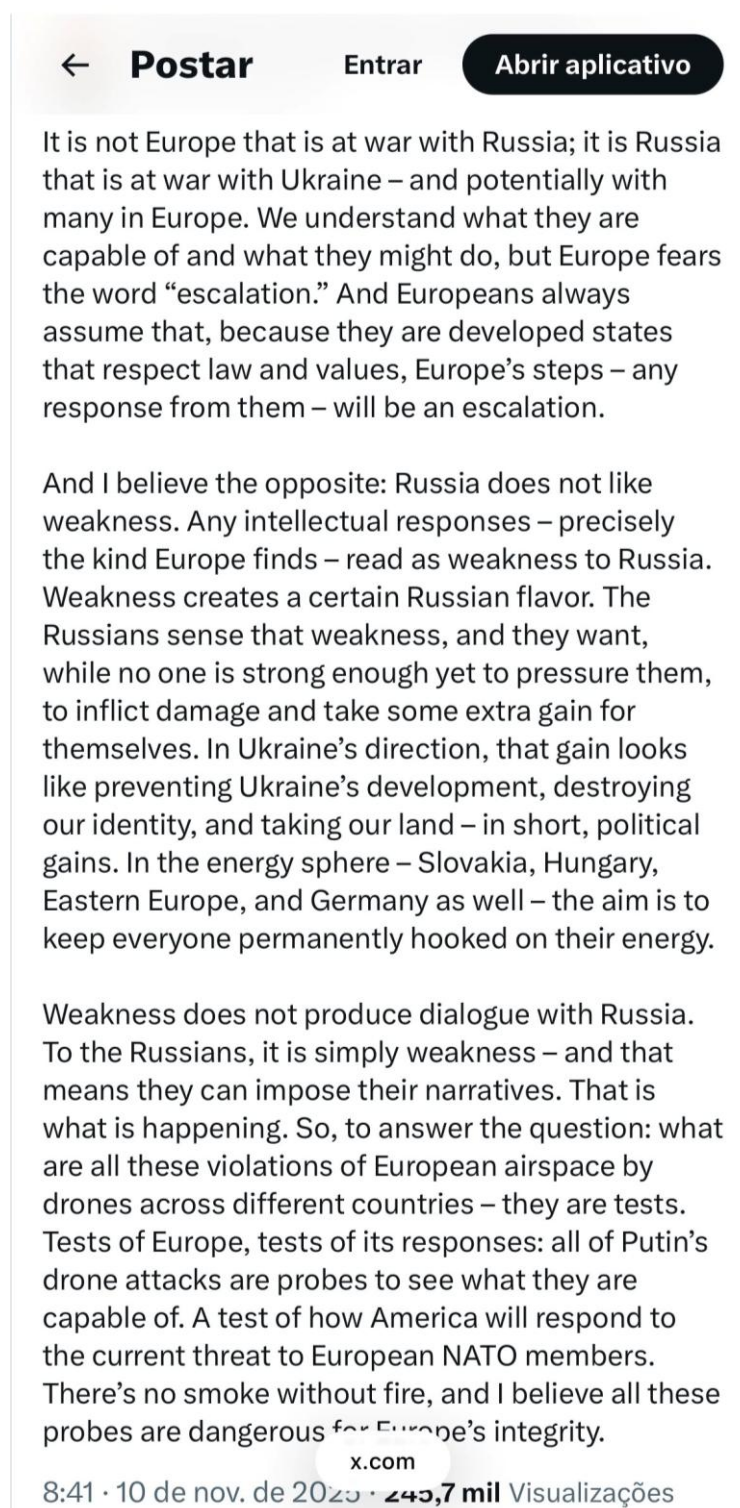
7.2. A DESMEDIACÃO DIPLOMÁTICA E O EFEITO DE CAIXA DE RESSONÂNCIA NA SOCIEDADE EM REDE

As práticas comunicativas de Volodymyr Zelensky nas plataformas digitais inauguram uma vertente de constrangimento político baseada na desmediação e no efeito de caixa de ressonância informacional. Na diplomacia tradicional, os apelos por cooperação militar e financeira ocorriam por canais burocráticos reservados, permitindo que os chefes de Estado avaliassem as demandas com base em cálculos de custo e benefício geopolítico estritamente domésticos e sem a interferência imediata do escrutínio público. Ao transferir essas requisições para o ambiente aberto do Instagram e do X, o mandatário ucraniano subverte essa lógica ao convocar as sociedades civis globais a atuarem como testemunhas e fiscalizadoras dos compromissos éticos de seus governantes. Essa estratégia fundamenta-se no conceito de autocomunicação de massa formulado por Manuel Castells (2009), em que o emissor detém a capacidade de pautar fluxos globais de informação de maneira autônoma, desafiando o monopólio interpretativo dos veículos de comunicação de massa tradicionais.

O núcleo dessa engrenagem de pressão reside na velocidade e na capilaridade com que a internet reproduz de forma viral as demandas por suporte internacional. Quando uma postagem de intimação moral é veiculada pela liderança ucraniana, o ecossistema digital opera como um multiplicador de alcance por meio de compartilhamentos, interações algorítmicas e republicações imediatas por parte de redes de ativistas, cidadãos comuns e influenciadores digitais. Esse fenômeno gera uma arquitetura de visibilidade radical que reverbera instantaneamente nas esferas públicas domésticas das potências aliadas. A rápida replicação do conteúdo cria um ambiente de saturação informacional que capta a atenção da imprensa tradicional, convertendo o apelo digital em pauta editorial mandatória e obrigando os tomadores de decisão a se posicionarem publicamente sobre temas que, em outros contextos, seriam geridos sob o manto do sigilo diplomático.

A capacidade da diplomacia digital de Zelensky de reconfigurar os termos do debate de segurança europeu manifesta-se de forma particularmente sofisticada em uma publicação extensa veiculada no X em 10 de novembro de 2023, que acumulou 249,7 mil visualizações. No texto, o mandatário inverte sistematicamente o argumento da "escalação", a justificativa mais recorrente dos governos europeus para limitar o envio de armamentos pesados à Ucrânia. Ao afirmar que "It is not Europe that is at war with Russia; it is Russia that is at war with Ukraine — and potentially with many in Europe", Zelensky reposiciona a Europa de observadora cautelosa para potencial alvo futuro, expandindo o enquadramento do conflito de uma guerra bilateral para uma ameaça sistêmica à segurança continental. A sequência argumentativa que se segue "Europe fears the word 'escalation'... Weakness does not produce dialogue with Russia... weakness means they can impose their narratives", opera como uma desconstrução pública da lógica de contenção europeia, apresentada não como prudência estratégica, mas como ilusão perigosa que alimenta o apetite expansionista russo. Ao veicular esse argumento diretamente nas redes sociais, em inglês e para uma audiência transnacional, Zelensky contorna os canais diplomáticos reservados e leva o debate sobre doutrina de segurança para o tribunal da opinião pública europeia, o mecanismo de desmediação institucional descrito por Castells (2009) em sua forma mais consequente.

Figura 12: Inversão discursiva da lógica da escalção no X (10 nov. 2023)



Fonte: Perfil oficial de Volodymyr Zelensky no X (@ZelenskyyUa, 10 nov. 2023).

Essa reprodução acelerada e descentralizada resulta na conversão do capital de simpatia virtual em uma força de pressão política tangível sobre os chefes de Estado ocidentais. Ao verem suas próprias diretrizes de política externa confrontadas em tempo

real por narrativas que vinculam a omissão logística ao colapso de valores democráticos universais, os líderes estrangeiros enfrentam uma drástica redução de sua margem de manobra estratégica. O custo político da inação ou da neutralidade é amplificado pelos algoritmos das redes sociais, que tendem a penalizar posturas ambíguas e a recompensar posicionamentos polarizados. Assim, o efeito de caixa de ressonância da internet transforma a opinião pública transnacional em um agente coercitivo ativo, constringendo os governantes das potências democráticas a acelerarem o envio de ajuda humanitária e bélica como um mecanismo de autopreservação de sua legitimidade e reputação perante suas respectivas bases eleitorais domésticas.

7.3. SOFT POWER E ATRAÇÃO: A COOPTAÇÃO DE AUDIÊNCIAS GLOBAIS

A projeção da liderança de Volodymyr Zelensky nas redes sociais busca converter a imagem de resiliência pessoal e comunitária em recursos de poder brando ou *soft power*, conceito formulado por Joseph Nye para descrever a capacidade de um ator em obter resultados sistêmicos por meio da atração e da cooptação. No entanto, as pesquisas contemporâneas demonstram que a dinâmica de atração na era digital difere significativamente dos canais estatais clássicos. Conforme asseveram Pauline Heinrichs e Alister Miskimmon (2023) ao analisarem a projeção de narrativas na Guerra da Ucrânia, o *soft power* digital contemporâneo depende da capacidade do emissor em gerar enquadramentos discursivos que se alinhem às identidades pré-existentes das audiências internacionais. O discurso digital ucraniano procura seduzir a opinião pública global ao apresentar uma liderança humanizada, acessível e esteticamente integrada às linguagens visuais cotidianas do ecossistema das redes sociais. A circulação massiva de vídeos em tom informal sinaliza a tentativa de construir um capital de reputação transnacional que visa transformar o suporte político e material à Ucrânia em uma pauta popular e eleitoralmente vantajosa para os governantes ocidentais.

A eficácia dessa modalidade de atração virtual parece residir na capacidade de traduzir imperativos geopolíticos abstratos em imperativos morais compartilhados por redes de cidadãos estrangeiros. Philip Seib (2021), em seus estudos sobre a evolução da diplomacia pública em contextos de crise, argumenta que a saturação informativa por meio de plataformas digitais busca encurtar a distância psicológica entre a zona de conflito e as sociedades civis geograficamente distantes. Ao projetar uma identidade nacional atrativa e intrinsecamente vinculada a ideais universais de justiça e autodeterminação, o discurso de Zelensky procura sinalizar que a causa ucraniana seria

indissociável da preservação das liberdades democráticas globais. Esse enquadramento identitário e normativo ganha contornos práticos na manifestação oficial veiculada na plataforma X, na qual o governante utiliza um pronunciamento gravado em vídeo para detalhar as diretrizes de um plano de encerramento do conflito. Na mensagem textual que acompanha o registro visual, redigida estrategicamente em idioma inglês para alcançar audiências transnacionais, o mandatário enfatiza o compromisso do Estado agredido com princípios fundamentais compartilhados e com uma agenda de trabalho transparente conduzida em parceria direta com os Estados Unidos e com os demais aliados europeus e globais, conforme ilustrado na postagem disposta na Figura 7.

Figura 7: Pronunciamento oficial no X sobre alinhamento estratégico com parceiros ocidentais



Fonte: Perfil oficial de Volodymyr Zelensky no X (@ZelenskyyUa, 2025).

Ao associar explicitamente a segurança de seu território à cooperação institucionalizada e à boa-fé das principais democracias liberais, a comunicação digital do líder ucraniano converte a resistência local em um teste de consistência moral para a governança global. Essa estratégia discursiva sinaliza que abandonar Kiev ou relativizar a agressão estrangeira equivaleria, por extensão, a permitir a erosão dos próprios pilares

normativos que sustentam a ordem internacional contemporânea. Sob este prisma analítico, a espetacularização da resiliência governamental atua como um multiplicador de forças na diplomacia de crise. A estética dos vídeos gravados sem cortes, utilizando iluminação natural e enquadramentos típicos de usuários comuns das redes sociais, busca simular uma transparência radical que contrasta com a opacidade das comunicações do oponente². Esta técnica comunicativa, ao focar na proximidade emocional, tenta converter a audiência passiva em proselitista ativa da causa nacional ucraniana. O ganho de atração discursiva transforma-se em capital político palpável à medida que fóruns civis e organizações não governamentais no Ocidente passam a reproduzir de forma voluntária as demandas de Kiev, exercendo uma influência indireta que limita as capacidades de recuo estratégico por parte das chancelarias europeias.

Portanto, o *soft power* gerado nas plataformas virtuais atua como um elemento estabilizador diante da vulnerabilidade militar tangível da Ucrânia. Ao fixar a narrativa de que o país representa o núcleo moral da resistência democrática global, o discurso de Zelensky busca constranger governos estrangeiros a manterem o suporte logístico mesmo diante de desgastes econômicos internos. A atração gerada pela liderança digital tenta edificar uma barreira de legitimidade que protege o fluxo de assistência externa contra as oscilações típicas da política doméstica e partidária das potências ocidentais, evidenciando que a gestão de afetos e símbolos no ambiente virtual é convertida em um recurso de poder duro de relevância sistêmica.

7.4. A DESMEDIÇÃO DAS REDES E A MOBILIZAÇÃO DAS ALIANÇAS OCIDENTAIS

A estrutura descentralizada e horizontal das redes sociais permite que a comunicação política de Zelensky opere sob a lógica da desmediação institucional, facilitando a tentativa de mobilização rápida de alianças internacionais sem a dependência exclusiva dos canais diplomáticos ou dos veículos de imprensa tradicionais. Manuel Castells (2009) argumenta que, na sociedade em rede, o poder é exercido por meio da habilidade de conectar e programar fluxos de informação que moldam a consciência pública. No contexto do conflito atual, essa premissa é expandida pelas dinâmicas que Sebastian Kaempf (2022) classifica como a transformação das condições de visibilidade da guerra

² Ver o registo do pronunciamento com câmara portátil e iluminação urbana nas ruas de Kiev em: ZELENSKY, Volodymyr. Zelensky compartilha vídeo em Kiev: "Estamos aqui". YouTube, 25 fev. 2022. Publicado pelo canal Poder360. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gk1T271DIus>. Acesso em: 24 jun. 2026.

global. De acordo com as análises de Kaempf, o uso estratégico de plataformas digitais por líderes em tempos de guerra busca subverter a hierarquia informacional tradicional, permitindo que o mandatário de um Estado sob ataque paute a agenda internacional de forma imediata e contínua, disputando o enquadramento dos fatos no exato momento em que eles ocorrem.

Essa dinâmica de mobilização por meio de redes digitais interconectadas procura alterar a distribuição de conhecimento e as expectativas comuns no sistema internacional sobre o ritmo e a extensão do apoio à Ucrânia. Conforme demonstram os estudos empíricos de Nicholas Cull (2022) a respeito das estratégias de engajamento digital durante crises de segurança no Leste Europeu, a enxurrada contínua de conteúdos e apelos diretos a parlamentos estrangeiros sinaliza a intenção de gerar um senso de urgência permanente. Esse enquadramento busca constranger as instâncias burocráticas tradicionais e as organizações multilaterais a acelerarem seus processos decisórios de envio de armamentos pesados. A diplomacia das redes sociais, sob o prisma dessa literatura recente, atua como um mecanismo que tenta transformar a opinião pública global em um agente de pressão política ativa. Esse monitoramento digital constante busca induzir os governos ocidentais a adotarem posturas progressivamente mais assertivas contra o ator hostil, demonstrando que a desmediação das redes é mobilizada como uma ferramenta para tentar fixar a centralidade da crise ucraniana nas prioridades da política internacional.

A desmediação operada pelas redes sociais estabelece, desse modo, um canal de comunicação de via dupla que altera o funcionamento clássico das coligações militares de tempos de guerra. Ao transmitir apelos específicos e relatórios de combate diretamente do front para os cidadãos em todo o mundo, as práticas discursivas do líder ucraniano tentam neutralizar o cansaço informativo que tende a acometer as audiências internacionais em conflitos prolongados. A velocidade de difusão que caracteriza a autocomunicação de massa permite que episódios específicos de violência sejam transformados de imediato em catalisadores políticos para novas rodadas de sanções econômicas e pressões diplomáticas internacionais. O ecossistema de redes é utilizado como uma infraestrutura logística de suporte narrativo que visa manter a coesão ideacional entre os aliados estatais.

Em última análise, a capacidade de programar as redes de comunicação global, tal como discutida na literatura contemporânea, converte a desmediação num instrumento central de soberania para a Ucrânia. O controle sobre o fluxo de narrativas estratégicas

no ambiente digital busca impedir o isolamento geopolítico do país, garantindo que o seu interesse nacional permaneça alinhado às prioridades institucionais do Ocidente. Ao transformar a opinião pública global num agente fiscalizador das políticas externas nacionais, a comunicação de Zelensky nas plataformas virtuais sinaliza o nascimento de uma modalidade de diplomacia de rede interconectada, onde a manipulação de símbolos e o enquadramento em tempo real operam como forças constitutivas que redefinem as fronteiras do poder e da segurança internacional na era da informação.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação permitiu constatar que o ecossistema digital contemporâneo transcendeu de forma definitiva a condição de mero aparato de difusão informativa para consolidar-se como uma estrutura ideacional ativa e co-constituente da realidade política internacional. Diante do problema de pesquisa formulado, que buscava compreender de que maneira as práticas discursivas de Volodymyr Zelensky nas redes sociais Instagram e X moldam a percepção da comunidade internacional sobre as identidades dos atores e constroem as potências ocidentais a manterem o apoio material ao país, os achados fornecem uma resposta categórica. O mandatário ucraniano utiliza a desmediação das plataformas digitais para operar uma gramática de polarização assimétrica e *altercasting* normativo, transformando a sobrevivência do Estado agredido em um teste público de responsabilidade moral e coerência identitária para o próprio Ocidente liberal.

Essa dinâmica responde ao problema de pesquisa por meio de um encadeamento lógico estruturado ao longo dos capítulos analíticos deste trabalho. No Capítulo 5, observou-se que a formulação do Eu nacional ucraniano e a caracterização do Outro agressor não decorrem de meras descrições factuais, mas sim de uma gestão de símbolos altamente calculada que valida as premissas construtivistas de Alexander Wendt (1999). A publicação de carta aberta no Instagram direcionadas diretamente ao Kremlin ilustra a subversão dos ritos burocráticos tradicionais em prol de uma transparência radical voltada ao consumo transnacional. Do mesmo modo, a inserção de comunicados detalhando o envio de especialistas ucranianos para missões humanitárias no exterior e para o suporte logístico a forças parceiras materializa a estratégia de projetar a Ucrânia não como um receptor passivo de caridade militar, mas como um provedor proativo de estabilidade global, alinhando de maneira intersubjetiva os interesses de Kiev aos das grandes potências ocidentais.

A deslegitimação do agressor atua como a contraface necessária dessa

engrenagem identitária, conforme demonstrado a partir dos dados do subitem 6.2. A constante exposição e a desconstrução moral da liderança russa nas redes sociais, mediante a insistência na premissa de que o oponente rejeita ativamente todas as saídas pacíficas e multilaterais, busca esvaziar a racionalidade estratégica das demandas de Moscou e rotulá-las como atos de obstinação destrutiva. Ao amarrar esse enquadramento à dialética de polarização examinada no subitem 6.3, a pesquisa procurou demonstrar que o discurso ucraniano atua para passar ao largo de canais diplomáticos convencionais e eliminar a viabilidade de narrativas intermediárias na esfera pública virtual. A síntese discursiva opera ao condicionar a obtenção de uma paz duradoura no continente europeu à aplicação de uma pressão internacional conjunta e coordenada, vinculando o respeito ao direito à vida à participação ativa na arquitetura de contenção militar liderada pelas potências democráticas.

No Capítulo 6, a análise avançou para desvelar como essa arquitetura discursiva ganha eficácia prática por meio dos mecanismos de poder da sociedade em rede sob a conceituação de Manuel Castells (2009). A resposta à pergunta de pesquisa consolida-se ao compreender que o governo ucraniano não faz apenas apelos retóricos isolados, mas sim intimações públicas baseadas na superexposição estética e institucional de seus aliados. A sofisticação da diplomacia digital ucraniana manifesta-se no uso de recursos de publicação compartilhada de maneira síncrona nos perfis de diversos chefes de Estado ocidentais. A exibição visual de reuniões de cúpula e o alinhamento das bandeiras nacionais nas plataformas digitais, acompanhados de legendas unificadas e traduzidas para múltiplos idiomas, constituem a materialização do *altercasting digital*. Esse mecanismo em rede fixa publicamente o suporte à Ucrânia como um consenso civilizatório intransigível, inserindo os mandatários parceiros em uma moldura de compromisso ético indissociável perante seus próprios eleitorados domésticos.

Importa destacar, contudo, que a eficácia do *altercasting digital* aqui analisada circunscreve-se predominantemente às democracias liberais ocidentais, o que representa uma limitação estrutural da própria estratégia comunicativa ucraniana e não apenas do escopo desta investigação. A recepção do discurso de Zelensky fora do eixo Euro-Atlântico revela tensões significativas: países como Brasil, Índia, África do Sul e China, que representam parcelas expressivas da população mundial e do produto interno bruto global, adotaram posições de abstenção ou neutralidade ativa nas resoluções da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre o conflito, sinalizando que a narrativa identitária ocidental mobilizada pelo mandatário ucraniano encontrou resistências

estruturais nos contextos do Sul Global. Essa assimetria de recepção sugere que o altercasting digital opera de forma eficaz apenas quando a audiência-alvo já compartilha previamente os esquemas culturais e os valores normativos que o enquadramento discursivo busca ativar, o que, nos termos de Entman (1993), significa que a saliência de um enquadramento é sempre dependente do repertório interpretativo do receptor. Para países cujas trajetórias históricas foram marcadas pelo colonialismo ocidental e pela desconfiança em relação às potências do Norte Global, o mesmo discurso que mobiliza solidariedade nas capitais europeias pode ser percebido como mais uma manifestação da ordem internacional assimétrica que esses Estados historicamente questionam. A investigação sistemática dessa dimensão Sul-Sul da recepção do discurso ucraniano configura, portanto, uma agenda de pesquisa relevante e politicamente urgente, especialmente para pesquisadores situados em universidades do Sul Global, como é o caso desta investigação, desenvolvida no âmbito de uma instituição pública brasileira do Nordeste.

Reconhece-se, ademais, que o presente estudo apresenta limitações inerentes ao seu próprio desenho metodológico que merecem ser explicitadas com transparência científica. A análise unilateral das práticas discursivas ucranianas, sem contraposição sistemática às narrativas produzidas e veiculadas pela Federação Russa no mesmo período, impede afirmações conclusivas sobre a dinâmica de disputa narrativa em sentido pleno e simétrico. Do mesmo modo, a ausência de dados quantitativos de engajamento mensuráveis, tais como alcance orgânico, taxas de compartilhamento e impacto longitudinal na formação da opinião pública limita a verificação empírica direta dos efeitos reais do altercasting digital sobre os processos concretos de tomada de decisão dos governos aliados. A amostragem intencional do corpus, embora metodologicamente justificada e transparentemente declarada, não permite generalizações estatísticas sobre a totalidade da produção comunicacional do mandatário ucraniano no período analisado. Essas limitações não invalidam os achados desta investigação, mas delimitam com precisão o alcance das conclusões aqui formuladas e reforçam a necessidade de estudos complementares que ampliem o escopo empírico e comparativo da análise.

Para pesquisas futuras, sugere-se a ampliação do corpus para incluir as plataformas Telegram e YouTube, canais nos quais Zelensky também manteve presença comunicativa intensa e que apresentam dinâmicas algorítmicas e audiências distintas das analisadas neste estudo. A incorporação sistemática da perspectiva comunicacional russa, por meio da análise das narrativas veiculadas pela agência estatal TASS, pelo canal RT e

pelos perfis oficiais do Ministério das Relações Exteriores da Federação Russa nas redes sociais — permitiria reconstituir com maior fidelidade a disputa de enquadramentos que o título desta investigação anuncia. A combinação de análise de conteúdo qualitativa com métricas quantitativas de engajamento, viabilizada por ferramentas de monitoramento de redes sociais, poderia também fortalecer substancialmente a validação empírica dos mecanismos de constrangimento normativo aqui identificados. Por fim, a investigação comparada da recepção do discurso ucraniano em contextos do Sul Global, com ênfase em países como Brasil, Índia e África do Sul, cujas posições nas instâncias multilaterais divergiram do alinhamento ocidental, constitui a fronteira analítica mais promissora para o avanço do campo da diplomacia digital em conflitos armados contemporâneos.

A manipulação estratégica de fluxos informacionais na era digital consolida-se, portanto, como um recurso de força sistêmica indispensável para a preservação da soberania estatal na contemporaneidade. O caso ucraniano demonstra que, diante de assimetrias materiais severas, a capacidade de um Estado de pautar narrativas globais, constranger normativamente seus aliados e converter a opinião pública transnacional em agente fiscalizador de suas próprias chancelarias pode ser tão determinante para a sobrevivência nacional quanto o poderio bélico convencional. Ao transformar cada publicação nas redes sociais em um ato simultâneo de resistência simbólica, legitimação internacional e pressão normativa, Volodymyr Zelensky redefine os contornos da diplomacia de crise e inaugura um modelo de liderança digital cujas implicações para o estudo das Relações Internacionais transcendem em muito o conflito específico que lhe deu origem..

9. REFERÊNCIAS

ADLER, Emanuel. Communitarian International Relations: the social construction of geopolitical communities. **European Journal of International Relations**, v. 3, n. 3, p. 319-363, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BJOLA, Corneliu; HOLMES, Marcus. **Digital Diplomacy: theory and practice**. London: Routledge, 2015.

BJOLA, Corneliu; MANOR, Ilan. **Digital Diplomacy in the Ukraine Crisis: narrative warfare and constraint**. Oxford: Oxford University Press, 2022.

CASTELLS, Manuel. **Communication Power**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CRILLEY, Rhys. International Relations in the Age of Digital Media: images, emotions, and constraint. **Global Studies Quarterly**, v. 2, n. 3, p. 1-12, 2022.
- CULL, Nicholas J. **Public Diplomacy**: foundations for global engagement in the digital age. Cambridge: Polity Press, 2019.
- CULL, Nicholas J. Digital Public Diplomacy and the Ukraine Crisis: strategic communication in the age of social media. **Place Branding and Public Diplomacy**, v. 18, n. 2, p. 89-101, 2022.
- D'ANIERI, Paul. **Ukraine and Russia**: from civilized divorce to uncivil war. Cambridge: Cambridge University Press, 2007
- DUNCOMBE, Constanza. Digital Diplomacy: emotion and identity in the international sphere. **British Journal of Politics and International Relations**, v. 21, n. 4, p. 570-588, 2019.
- ENTMAN, Robert M. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.
- GILL, Rebecca. The Digital Architecture of Constraints: public diplomacy in times of conflict. **Media, War & Conflict**, v. 15, n. 2, p. 189-204, 2021.
- HEINRICHS, Pauline; MISKIMMON, Alister. Strategic Narratives and the War in Ukraine: framing identity and mobilizing support. **Journal of European Public Policy**, v. 30, n. 4, p. 612-631, 2023.
- HOCKING, Brian. Rethinking the New Public Diplomacy. **International Studies Review**, v. 9, n. 4, p. 731-746, 2007.
- HOSKINS, Andrew; O'LOUGHLIN, Ben. War and Media: the emergence of diffused war. Cambridge: Polity Press, 2010.
- KAEMPF, Sebastian. The digital war in Ukraine. **Australian Journal of International Affairs**, [s. l.], v. 76, n. 4, p. 345-351, 2022.
- KUZIO, Taras. Identity and Nation-Building in Ukraine: defining the 'Other'. **Ethnicities**, v. 1, n. 3, p. 343-365, 2001.
- KUZIO, Taras. Civil Society, Youth and Societal Mobilization in Democratic Revolutions. **Communist and Post-Communist Studies**, v. 39, n. 3, p. 365-386, 2006.
- LASSWELL, Harold D. **Propaganda Technique in the World War**. New York: Peter Smith, 1927.

MANOR, Ilan. **The Digitalization of Public Diplomacy**. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.

MELISSEN, Jan. **The New Public Diplomacy: soft power in theory and practice**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MISKIMMON, Alister; O'LOUGHLIN, Ben. Strategic Narratives and the Ukraine War: weaponizing the digital sphere. **European Journal of International Relations**, v. 27, n. 2, p. 345-368, 2021.

MOSHES, Arkady; NIZHNIKAU, Ryhor. The Ukrainian Lesson: why domestic change is the key to successful foreign policy. **Demokratizatsiya: The Journal of Post-Soviet Democratization**, v. 26, n. 1, p. 5-26, 2018.

NYE, Joseph S. **Soft Power: the means to success in world politics**. New York: Public Affairs, 2004.

SASSE, Gwendolyn. **The Crimea Question: identity, transition, and conflict**. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

SEIB, Philip. **Information at War: journalism, disinformation, and modern warfare**. Cambridge: Polity Press, 2021.

STARMER, Keir et al. United for Ukraine: diplomatic meeting at Downing Street. **Instagram**, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com>. Acesso em: 24 jun. 2026.

WENDT, Alexander. Anarchy is what States Make of it: the social construction of power politics. **International Organization**, v. 46, n. 2, p. 391-425, 1992.

WENDT, Alexander. **Social Theory of International Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

WILSON, Andrew. **Ukraine Crisis: what it means for the West**. New Haven: Yale University Press, 2014.

ZELENSKYY, Volodymyr. Pronunciamento oficial de resiliência nas ruas de Kiev. **YouTube**, 25 fev. 2022. Publicado pelo canal Poder360. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gk1T271DIus>. Acesso em: 24 jun. 2026.

ZELENSKYY, Volodymyr. Statement on the peace plan and coordination with the American side and global partners. **X (@ZelenskyyUa)**, 2025. Disponível em: <https://x.com/ZelenskyyUa>. Acesso em: 24 jun. 2026.

NEW YORK TIMES. Vídeo de Volodymyr Zelensky nas dependências do governo ucraniano. **Instagram (@nytimes)**, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://share.google/5I33YABk8D5mYFJTa>. Acesso em: 27 jun. 2026